

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LUIZ AMÉRICO MAGALHÃES MARQUES

MÍDIA E FUTEBOL: A Paixão se explica?
Breve Relato dos Torcedores Sem Fronteiras

Boa Vista – RR
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LUIZ AMÉRICO MAGALHÃES MARQUES

MÍDIA E FUTEBOL: A Paixão se explica?
Breve Relato dos Torcedores Sem Fronteiras

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Roraima, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, sob a orientação da profa. Vângela Morais.

Boa Vista – RR

2003

A Monografia “Mídia e Futebol: A paixão se explica? – breve relato dos torcedores sem fronteiras”, elaborada por Luiz Américo Magalhães Marques, matrícula nº 9822121, aprovada por todos os membros da banca examinadora, encontra-se à disposição dos interessados no Departamento de Comunicação Social e Biblioteca da Universidade Federal de Roraima.

Monografia defendida e aprovada em ____/____/____ (Com nota ____)

Banca examinadora

Profa. Vângela Moraes

(Curso de Comunicação Social da UFRR)

Orientadora

Profa. Luciana Nabuco de Oliveira

(Curso de Comunicação Social da UFRR)

Profa. Maria Dantas

(Curso de Comunicação Social da UFRR)

“Para os torcedores, o futebol é muito mais que um jogo com onze atletas de cada lado”. Revista Veja, Edição Especial julho de 2002.

*milha esposa amada: Zilmar de Andrade Mar
Marques*

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por me dar saúde, e paz de espírito em todos os meus dias;

Aos meus pais, **Juarez Mário Pará Marques e Julieta Magalhães Marques**, por terem me dado oportunidade de uma boa educação, e muito apoio nos momentos difíceis, e um carinho

especial pelo “Gordo” que foi o responsável por eu ter escolhido o Vasco e o Paysandu como clubes do meu coração.

A minha esposa, **Zilmar de Andrade Mar Marques**, por ser minha alma gêmea, e ter sido a minha maior incentivadora para que eu cursasse uma Universidade.

Aos meus filhos, **Karina, Kamila e Júnior** que sempre incentivaram e até ajudaram, em algumas pesquisas.

A minha diretora da Saúde, **Dalila Iracema G.Z. de Castro**, que me deu condições de cursar todos os semestres, independentemente do horário que fossem as aulas.

A professora **Vângela Moraes**, por ter aceito ser minha orientadora, e incentivado a realização desse trabalho.

A professora **Áurea Lucia Melo O. Corrêa**, por ter dado a maior força num momento de desespero.

As amigas, **Haline Barreto e Débora Arraes**, agradeço profundamente, pela ajuda, encorajamento, apoio, envolvimento e colaboração nesse trabalho.

Ao jornalista, **Fernando Quintella**, pelo depoimento, e indicações das pessoas que poderiam colaborar com minha pesquisa.

A participação de **Romeu Magalhães Bonates, Vasco da Gama de Oliveira, Edílson Melo Galvão o Corrimboque e Francisco das Chagas Duarte**, pelos depoimentos, que deram total relevância para a realização deste trabalho.

E aos demais **famíliares**, que sempre me incentivaram e apostaram no meu sucesso.

Enfim,

A todos que colaboraram, de alguma forma, para o bom desenvolvimento deste trabalho.

O meu muito obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I - CONCEITO E HISTÓRIA DO FUTEBOL.....	12
1.1 O Futebol no Mundo.....	12
1.2 O Futebol no Brasil.....	14
1.2.1História do Vasco.....	17
1.2.2História do Flamengo.....	24
CAPÍTULO II – CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS.....	32
2.1 Mídia Televisiva e Futebol.....	32
2.2 As Múltiplas Faces de uma Identidade em Construção.....	37
2.3 Violência e Futebol.....	41
2.4 Estádio de futebol ou Campo de guerra?.....	42
2.5 Torcedores: Fanatismo e Violência.....	43
CAPÍTULO III – Histórias Apaixonadas Narradas por Roraimenses.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
BIBLIOGRAFIA.....	64

SUMÁRIO DE FIGURAS E GRÁFICOS

Fotos	PAGS.
--------------	--------------

Fig. 01 – São Paulo Railway, foto Abril Imagens.....	14
Fig. 02 – Time do Vasco Campeão Sulamericano de 1948.....	20
Fig. 03 – Milésimo gol do Rei Pelé.....	23
Fig. 04 – Formação do time do Flamengo em 1938.....	31
Fig. 05 – Desabamento do Alambrado do São Januário.....	44
Fig. 06 – Vandalismo de torcidas organizadas.....	45

Gráficos

Fig. 01 – Assinantes de TV Paga.....	36
Fig. 02 – Evolução dos direitos de TV.....	36

INTRODUÇÃO

Eu comecei a acompanhar o futebol com 7 anos de idade, nesse tempo meu pai era o responsável pela minha presença nos estádios em Belém. Confesso que

meu interesse maior era a hora do intervalo dos jogos. Com certeza eu comeria um cachorro quente com caldo de cana e um saquinho de pipocas. O tempo passou rápido e com 16 anos eu já ia aos jogos sozinho. Meu pai, ao contrário, já não tinha todo fervor de tempos atrás para ir ao estádio.

Com minha maturidade eu já havia me tornado um torcedor fanático. Ir aos jogos do meu time passou a ser uma questão de honra, nada me impedia e, às vezes, conseguia até convencer meu pai a ir comigo. Só que agora eu era o responsável, isso me dava um sentimento de agradecimento ao homem que me ensinou a gostar desse esporte que seduziu, não só a mim, mas a milhares de corações.

Ainda hoje me considero um torcedor fanático, mas meu pai já não dispõe de todo esse interesse pelos jogos. Mesmo assim eu procuro sempre atualizá-lo, sobre o que está acontecendo em torno dos nossos clubes. Eu costumo dizer que ele me ensinou a torcer, e hoje eu torço por mim e por ele. Mas a vida é assim, hoje tenho um filho com 8 anos e o levei apenas uma vez ao estádio, foi aqui em Boa Vista, não sei exatamente qual foi o motivo, mais percebi que no caso dele ainda não é hora de frequentar os estádios. Sem dúvida pela vontade dele, voltaria outras vezes, quem sabe ele está na fase de aguardar os intervalos dos jogos?

Presumo que é assim que surge essa paixão, no intervalo dos jogos. Daqui algum tempo já será o meu neto que estará representando o amor aos nossos clubes, seja em frente à TV, ou quem sabe no templo criado para a prática desse esporte: os estádios de futebol, se a violência permitir, é claro.

Tendo como base a minha história, decidimos estudar os motivos pelos quais uma pessoa torna-se tão apaixonado por este esporte, que no Brasil começou a se consolidar em 1958 com a conquista do primeiro título mundial. Passados 73 anos da criação da Copa do Mundo, o Brasil desponta como o maior vencedor de todos os tempos. A recente conquista do pentacampeonato não deixa dúvidas do amplo domínio dos jogadores brasileiros. Essa conquista veio ratificar uma hegemonia nos gramados do nosso futebol; isso ninguém contesta, nem os números.

Ganhamos cinco copas e poderíamos ter vencido outras, se não fôssemos tão desorganizados, nas que fomos trouxemos o Caneco. Em 1958, na Suécia, em 1962 no Chile, em 1970 no México, nos EUA em 1994 e a última edição em 2002 na Coreia/Japão (primeira Copa sediada por dois países). Além disso, contabilizamos também dois vice-campeonatos (no Brasil, em 1950 e na França em 1998) e dois terceiros lugares (1938, também na França e 1978, na Argentina). São conquistas que não deixam margem para nenhum questionamento, pelo contrário, impõem, cada vez mais, o respeito que as outras seleções têm pela mística da camisa amarela.

Nenhum adversário terá condições de suplantar e nem sequer igualar tão cedo esse feito. Nos futuros Mundiais, os Alemães ou os Italianos (adversários mais próximos) ambos tricampeões, precisarão ganhar no mínimo dois ou três títulos cada um, desde que o Brasil não vença, para que um deles possa chegar ao Penta. Pelo que a dinâmica das Copas mostra, vão se passar gerações antes que alguma outra pátria esportiva ameace o domínio dos jogadores brasileiros no maior esporte de massa do mundo.

Dessa forma o que se busca com este trabalho é analisar a recepção das transmissões dos

jogos dos grandes clubes de futebol no Brasil por meio da mídia e principalmente, a TV, pelo fato de atrair os torcedores pela comunicação sensorial, ou seja, a união da imagem do som e efeitos, é capaz de mexer com a emoção e sentimentos. Neste caso, a TV será analisada como um dos instrumentos motivadores da paixão dos torcedores, exemplificada por histórias narradas de torcedores roraimenses.

No primeiro capítulo abordaremos a história do futebol no mundo e no Brasil, além de apresentar as histórias do Vasco da Gama e do Flamengo, por se tratar de dois Clubes de grande aceitação popular, marcada por uma rivalidade histórica.

No que se refere ao segundo capítulo, apresentaremos a correlação entre a mídia televisiva e o futebol. Mostraremos os motivos do interesse da mesma na cobertura dos jogos, além de analisarmos o porquê dos torcedores optarem por assistirem os jogos pela TV. Ainda nesse capítulo o tema futebol e cultura, é tratado de forma a reforçar a idéia (paixão/razão), haja vista se tratar de um fenômeno grandioso, considerado o esporte das massas. Discorreremos também sobre a questão dos torcedores: fanatismo e violência nos estádios de futebol.

E finalmente no terceiro capítulo mostraremos o fanatismo, por meio de depoimentos e relatos de histórias apaixonadas, narradas por torcedores roraimenses.

CAPÍTULO I

CONCEITO E HISTÓRIA DO FUTEBOL

Segundo o Aurélio¹, o Futebol significa: cada um dos vários jogos esportivos disputados por dois times de onze jogadores com uma bola de couro, num campo com um gol em cada uma das extremidades, cujo objetivo é fazer entrar a bola dentro do gol defendido pelo adversário no qual é vedado aos jogadores, exceto o goleiro, tocar a bola com a mão.

1.3 O FUTEBOL NO MUNDO

As primeiras referências de um esporte que pode ser considerado o precursor do futebol remontam ao ano de 2500 a.C., e sua invenção é atribuída ao imperador chinês Huang-ti. O jogo tinha como finalidade treinar soldados e era disputado com uma bola de couro que se lançava além de duas estacas cravadas no chão. Na Grécia antiga apareceu outra variante desse jogo, que recebeu o nome de epyskiros. Era praticado em Esparta no século I a.C., por equipes de quinze atletas que chutavam uma bexiga de boi cheia de areia. Tempos depois, surgia em Roma o harpastum, considerado o primeiro futebol jogado com esquemas preestabelecidos. Os militares que o disputavam dividiam-se em um grupo de atacantes e outro de defensores.

Na Idade Média apareceu na Itália o gioco del cálculo, com equipes formadas por 27 jogadores, que consistiam geralmente em nobres. O gol era marcado quando a bola passava por cima de dois postes. Na segunda metade do século XVII, os partidários do rei Carlos II, refugiados na Itália levaram esse jogo para a Inglaterra quando seu soberano foi restaurado no trono. Para este jogo, o terreno media 120 por 180 metros e em suas extremidades havia

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, segunda edição, 18ª impressão, editora Nova Fronteira 1986 pg. 824.

dois postes de madeira, chamados goal. Nessa época, a bola já era de couro e cheia de ar.

Dessa forma, o futebol começou a evoluir na Inglaterra até transformar-se em um esporte escolar. Porém, suas regras variavam muito, especialmente no que se refere ao uso das mãos no jogo. De 1810 a 1840 surgiram inúmeras regras com os nomes dos colégios onde o jogo era praticado: Eton, Harrow, Rugby, Shresbury, Westminster. Cada regra, porém, tinha características próprias, impedindo a disputa entre as equipes de colégios diferentes. Em 1848, numa conferência em Cambridge, essa questão foi resolvida, pois estabeleceu-se um código único de regras que serviria de base às leis atuais do futebol.

A primeira partida internacional foi realizada em 1863 no Queens Park de Glasgow, entre as representações da Escócia e Inglaterra, registrando-se um empate de 0 a 0. Em 1883/84 realizava-se o primeiro torneio internacional do mundo: O Campeonato Interbritânico.

O futebol foi sofrendo uma acelerada evolução, sempre a partir da Inglaterra. Por este motivo, em 1885 iniciava-se lá o profissionalismo no futebol. Dessa forma, para regulamentar o futebol profissional e organizar campeonatos, fundou-se em 1888 a Liga do Futebol.

Com a definição e legalização das atribuições do juiz, a questão da arbitragem foi resolvida em 1890. Assim, em 1891 o pênalti foi criado por sugestão da Federação Irlandesa. A FIFA (Federação Internacional de Football Association), entidade que preside ao futebol no mundo, era fundada em 1904 em Paris, mesmo sem o apoio da Inglaterra.

Finalmente, em 1929, acontecia o fato mais marcante na história do futebol: a FIFA decidia realizar a primeira Copa do Mundo, disputada

no Uruguai em 1930. Assim, o futebol afirmava-se como o esporte mais popular do mundo.

1.4 O FUTEBOL NO BRASIL

A história do futebol brasileiro começou em 1894, quando Charles Miller, paulista filho de ingleses, chegava da Inglaterra, onde fora estudar, trazendo em sua bagagem duas bolas de futebol, livros sobre as regras do jogo e sua experiência como jogador do time inglês Southampton e da seleção do condado de Hampshire².

Miller e outros ingleses radicados em São Paulo protagonizaram em 1895 o primeiro jogo de futebol no Brasil, entre os funcionários da Companhia de Gás e os da São Paulo Railway³. A partida foi disputada na Várzea do Carmo, e os empregados da empresa ferroviária venceram por 4 a 2.



Figura 01 - São Paulo Railway, Foto: Abril Imagens.

² AZEVEDO, Fernando (1930) *A Evolução do Esporte no Brasil (1822-1922)*, São Paulo: Cia. Melhoramentos.

³ São Paulo Railway protagonizou em 1895 o primeiro jogo de futebol do Brasil.

Gradualmente, foi aumentando o interesse dos brasileiros pelo esporte. Em 1898, os estudantes do Colégio Mackenzie, em São Paulo, fundaram a Associação Atlética Mackenzie, criada com a intenção específica de jogar futebol. Logo apareceram outros clubes em vários Estados do país, como o São Paulo Athletic, o Sport Club Internacional, o S.C Germânia, o S.C Rio Grande e a Associação Atlética Ponte Preta.

No ano de 1901 foi criada a Liga Paulista de Futebol e, no ano seguinte, o São Paulo Athletic Clube conquistou o primeiro título paulista. No mesmo ano, foi fundado no Rio de Janeiro o Fluminense Futebol Clube e, em São Paulo, o Sport Club Corinthians Paulista. O Flamengo surgiu em 1911. Em 1914, foi fundada a Federação Brasileira de Sport, que dois anos mais tarde passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Desportos. Em 1923, a CBD vinculou-se à Fifa.

Em 21 de Julho de 1914 aconteceu o primeiro jogo da Seleção Brasileira. Aproveitando a visita de um time inglês, o Exeter City, paulistas e cariocas decidiram se unir e formar uma equipe de caráter nacional. Com a congregação da Liga Metropolitana do Rio e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), surgiu a entidade máxima do futebol brasileiro. A primeira Seleção foi formada com um combinado de atletas dos dois estados. O jogo foi realizado no campo das Laranjeiras, no Rio, e o Brasil venceu por 2 a 0, gols de Osman e Oswaldo Gomes. Em seguida, a equipe viajou para a Argentina, onde conquistou a Copa Roca, seu primeiro título internacional.

Em 1919, o Brasil conquistou o título sul-americano em torneio disputado no Rio e, em 1922, alcançou nova conquista continental. Nesta época já começavam a despontar os primeiros craques do futebol brasileiro, como Arthur Friedenreich, Armando Del Debbio e Luis Macedo Mattoso, o Feitiço.

Um desentendimento entre dirigentes da Apea e da CBF impediu que os três, além de outros jogadores paulistas, disputassem a primeira Copa do Mundo da história, realizada em 1930 no Uruguai. O Brasil participou com uma equipe formada por atletas cariocas e comandada pelo técnico Píndaro de Carvalho. Jogou duas partidas: perdeu para a Iugoslávia por 2 a 1 e goleou a Bolívia por 4 a 0. Não passou para a segunda fase da competição e teve como destaques o jogador Preguinho, que marcou três gols, e o volante Fausto.

Paradoxalmente, porém, foi a entrada no esporte das classes populares, em especial negros e mestiços, que marcou a passagem do amadorismo para o profissionalismo e também o estilo brasileiro de jogar - o chamado 'futebol-arte'. Após as derrotas nas Copas do Mundo de 1950 e 1954, o uso de teorias racistas anteriores serviram para criticar esse futebol 'mestiço', atribuindo aos jogadores negros e mulatos um suposto desequilíbrio emocional para os jogos decisivos⁴.

Em 1958, ocorreu a inversão desses estigmas, quando o Brasil conquistou sua primeira Copa, e as vitórias em 1962 e 1970 aumentaram a fama mundial do futebol brasileiro. Apesar disso, o estilo alegre de um futebol eficiente, mas com o gosto pelos dribles e malabarismos, tem estado em tensão permanente com táticas impostas por técnicos e outros profissionais do esporte que tendem a privilegiar o estilo defensivo europeu.

O futebol brasileiro mantém assim conflitos mais ou menos silenciosos, relacionados à presença, em uma área valorizada pela identidade nacional, de jogadores vindos massivamente das classes populares. A popularização e profissionalização do futebol na Inglaterra, a partir da segunda metade do século 19, foi rápida. Em vários países, entre eles o Brasil, esse processo ocorreu 50 anos mais tarde, no início do século

⁴ RODRIGUES FILHO, Mario (1994) O Negro no Futebol Brasileiro, Rio de Janeiro: Forno.

20. Britânicos de diversas classes já jogavam futebol, mas foram, sobretudo as elites que levaram o esporte para fora das fronteiras inglesas. Essa 'exportação' ocorreu de três formas, a saber:

- O intercâmbio entre as elites inglesas e de outros países ocorrido em escolas inglesas e européias;
- A disseminação da prática esportiva organizada por empresas inglesas com filiais no exterior;
- E a difusão mundial dos clubs (ou clubes), forma de convívio social inglesa, originalmente de elite.

No Brasil não foi diferente. O esforço de jovens oriundos da colônia local de ingleses e, depois, dos jovens de elite brasileiros - ex-estudantes na Inglaterra, Suíça ou Alemanha - criou equipes em clubes pré-existentes ou fundou clubes de futebol. Importado como prática e moda da elite inglesa moderna, muitos dos clubes de futebol reproduziam em campo e na arquibancada uma seleção social que reunia famílias das elites do Rio e de São Paulo.

Os clubes eram um lugar urbano de sociabilidade onde se prolongava, através de atividades físicas e esportivas, o ambiente dos salões e saraus da classe dominante dos 'sobrados' do início do século.

1.2.1 HISTÓRIA DO VASCO

No dia 21 de agosto de 1898, o Clube de Regatas Vasco da Gama foi criado por Henrique M. Ferreira Monteiro, José Alexandre D'Avellar Rodrigues, Manuel Teixeira de Souza Júnior, alguns jovens membros da colônia portuguesa no Rio de Janeiro. Mas apesar da iniciativa dos três, para montar o clube de remo, era preciso dinheiro. Para isso, Francisco Gonçalves de Couto Júnior, um rico comerciante do bairro da Saúde, foi eleito presidente da nova associação.

Depois de dois meses, o clube já contava com 250 sócios, porém, após alguns entraves na mudança da sede do clube, Francisco do Couto decidiu abandonar o Vasco, fundando o Clube de Regatas Guanabara. Assim, o Vasco da Gama perdeu grande parte do número de sócios.

Dessa forma, o clube cruz-maltino teve que recomeçar depois dessa perda. Em 26 de novembro de 1915, o Vasco se fundiu a mais dois clubes da colônia portuguesa: o Lusitânia F.C. e o Centro Português de Desportos para constituir um time de futebol. O Vasco se tornou popular devido ao fato de ser o primeiro a aceitar negros, mulatos e comerciantes no time, o que desagradou os outros clubes. Porém, apesar de todo o entusiasmo, não havia verba suficiente para pagar a inscrição na Liga Metropolitana de Football, problema facilmente resolvido com a ajuda dos torcedores.

A primeira partida do Vasco, ainda na terceira divisão, foi um caos. O time perdeu por 10 x 0 num jogo contra o Paladino F.C., no dia 3 de maio de 1916. Apesar da má estréia, em 1917 o Vasco já estava na segunda divisão, sendo campeão em 1920 e passando para a primeira divisão três anos depois. No primeiro jogo na divisão de elite, o Vasco empatou com o Andaraí em 1x1, porém já no segundo, venceu o Botafogo, um dos grandes times da época. Nas partidas seguintes, derrotou o Flamengo, Fluminense, Bangu e América.

O time arrasador começou a despertar a ira das outras equipes e logo iniciaram as especulações quanto ao profissionalismo do time: acusavam os jogadores do Vasco de receberem para praticar o esporte. Mesmo assim, em 1923 o Vasco foi campeão. A vitória fez com que os times citados anteriormente fundassem a Associação Metropolitana de Esportes Amadores (AMEA).

Porém, mesmo não tendo sido convidado, o Vasco foi vítima de investigações, uma vez que a AMEA decidiu investigar a vida de todos os jogadores para verificar o amadorismo. Como nada que incriminasse o time português foi encontrado, decidiram então que só poderiam entrar em campo jogadores que fossem alfabetizados, no entanto, a maioria consistia em analfabetos. Mesmo assim, o Vasco persistiu, contratando um professor para ensinar os jogadores a escreverem seus nomes para poderem preencher a súmula. Em abril do ano de 1927, o Vasco inaugurou o estádio de São Januário, que se tornou o maior do Brasil na época.

O profissionalismo chegou ao futebol carioca em 1933 e o Vasco foi campeão no ano seguinte. Nos anos 40, o Vasco esteve insuperável, sendo campeão invicto em 45, 47 e 49, ficando assim conhecido como "Expresso da Vitória". Com o grande desempenho nessa década, o time cruz-maltino foi a base da seleção de 50 que disputou a Copa do Mundo no Brasil.

Depois da era do Expresso da Vitória, o Vasco tratou de formar mais um time vencedor, uma mescla de jogadores contratados, como Paulinho de Almeida, Bellini, Valter Marciano, Pinga e o paraguaio Parodi, e outros feitos em casa ou trazidos das divisões de base de outros clubes, como Orlando, Coronel, Sabará e Vavá. Com o time renovado, o Vasco voltou a conquistar um título carioca em 1956. O técnico era o estrategista Martim Francisco, que anos antes com o Vila Nova em Minas Gerais havia dado forma definitiva ao sistema 4-2-4 que utilizaria de forma mortífera no Vasco.

Na década de 50, o Vasco foi um dos clubes brasileiros mais convidados a disputar torneios no exterior. Entre os torneios internacionais conquistados, encontram-se o torneio internacional do Chile em 53, dois torneios internacionais no Rio naquele mesmo ano, e culminando em 57 com as conquistas dos Torneios

de Lima e Santiago, na América do Sul, e do Torneio de Paris e da Taça Teresa Herrera, durante uma arrasadora excursão a Europa.



Figura 02 – Time do Vasco Campeão Sulamericano de 1948.

O técnico Martim Francisco utilizava uma tática que consistia na descida dos homens de meio-campo para conclusões como fator surpresa, isto fez com que as equipes estrangeiras fossem pegas desprevenidas. Os apoiadores Laerte e Valter Marciano acabaram entre os principais artilheiros da excursão. Valter, inclusive, foi imediatamente contratado por um clube espanhol, porém pouco depois faleceu tragicamente num acidente automobilístico.

Em 1958, o Vasco forneceu três jogadores a seleção campeã mundial, Bellini, Orlando e Vavá. Naquele ano, o Vasco conquistou pela primeira vez o Torneio Rio - São Paulo, que esteve por conquistar varias vezes na década de 50, mas que ao final freqüentemente terminava em segundo lugar, e venceu o campeonato carioca de forma particularmente emocionante. Faltando duas rodadas, o Vasco levava quatro pontos de vantagem sobre Flamengo e Botafogo, mas perdeu as duas ultimas partidas exatamente para estes adversários. Foi então necessário um supercampeonato entre os três, que também terminou empatado, sendo então disputado um super-supercampeonato, finalmente vencido pelo Vasco, já depois de iniciado o ano de 59.

Mais uma vez o Vasco tinha um grande numero de atacantes de categoria no seu plantel e se deu ao luxo de vender o campeão mundial Vavá para o Atlético de Madrid ainda no inicio do campeonato. Mas ficavam Almir, Delem, Wilson Moreira, Roberto Pinto e Valdemar, que se revezaram no time titular nas posições do miolo do ataque, alem dos pontas Sabará e Pinga, em ótima forma.

Durante a década de 60 os melhores jogadores projetados pelo clube foram os zagueiros Brito e Fontana, que fariam parte da seleção tricampeã do mundo em 70 após deixarem o clube no ano anterior, e o atacante Célio, que, depois de chegar a ser testado na seleção, foi vendido para o Nacional de Montevideú, onde tornou-se um ídolo.

Em 1961, o Vasco esteve perto do titulo estadual, mas, dependendo de uma simples vitória sobre o Olaria dentro de São Januário para manter suas chances, acabou perdendo por 3 a 2, resultado que viria a refletir na campanha eleitoral, que fervia. Técnicos passaram a ser contratados e demitidos em pouco tempo,

vitimas da impaciência da diretoria e da torcida.

De 1960 a 1969, o Vasco trocou de técnico nada menos do que 22 vezes.

Durante este período, o único que permaneceu no cargo por duas temporadas foi Zezé Moreira, em 65/66, quando o Vasco conquistou seus únicos títulos significativos da década: A primeira Taça Guanabara, torneio criado em 65 para apontar o concorrente carioca na Taca Brasil, e o ultimo torneio Rio - São Paulo, em 66, no qual terminou empatado com Botafogo, Santos e Corinthians (não houve decisão).

Na Taça Brasil de 65, o Vasco terminou vice, perdendo na decisão para o Santos, que naquela altura conquistava o pentacampeonato da competição. Depois de Zezé Moreira, o outro técnico que levou o time a boas campanhas foi Paulinho de Almeida, ex-lateral-direito do clube. Em 1968, sob sua direção, o Vasco foi vice-campeão carioca e vice do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, empatado com Palmeiras e Internacional. Boas campanhas, porém, faltou o titulo ansiado por todos em São Januário.

O Vasco sempre foi um clube agitado por crises políticas. Uma das maiores crises da historia do Vasco aconteceu em 1969, com direito a cassação de presidente, muros pichados, enfim. Entretanto, no ano seguinte - o do tricampeonato mundial - com a política interna pacificada, voltaria ao seu lugar de honra no futebol carioca, com o time comandado pelo velho e sábio Tim. No campo, os destaques ficaram por conta do "Batuta" Silva e o grande goleiro argentino Andrada, que pelo que realizou na sua passagem no clube de 69 a 76 se constituiu num dos maiores goleiros que já defendeu o arco do Vasco, senão o maior. Cruelmente, a historia lhe reservou a dúbia honra de ter tomado o milésimo gol de Pelé.

Numa partida no Maracanã contra o Santos pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, de 1969, Andrada fechava o gol, evitando em varias oportunidades o milésimo gol do Rei. O escore de 1 a 1 foi mantido até quase o final da partida, quando aconteceu um pênalti sobre Pelé, e assim Andrada foi finalmente batido pela cobrança do próprio Pelé. O goleiro saltou para o canto certo e por milímetros não conseguiu desviar a bola. A partida foi interrompida para que homenagens pudessem ser prestadas a Pelé, que deu uma volta olímpica no estádio vestindo uma camisa do Vasco com o número 1000 nas costas.



Figura 03 – Milésimo gol do Rei Pelé vestindo a camisa do Vasco em 1969.

Os anos seguintes foram infelizes para o Vasco, que só voltou à boa fase nos anos 70, com a conquista do carioca de 70 e o Brasileirão de 74. O time formado, entre outros, por Leão, Roberto Dinamite, Cláudio Adão e Paulo César Lima brilhou nessa década. Nos anos 90, o Vasco foi tricampeão estadual, em 1992, 1993 e 1994, e conquistou seu terceiro título brasileiro, capitaneado pelo "animal" Edmundo, em 1997.

Em 1998, chegou pela primeira vez à final da Taça Libertadores, após ter participado em 1975, 1980, 1985 e 1990. Nunca o time esteve tão perto de repetir o feito de 1948, quando foi campeão Sul-Americano, numa final contra o River Plate, da Argentina, disputada no Chile. Em uma competição dura, em que teve Cruzeiro, Grêmio e River Plate entre seus adversários, o Vasco conquistou o título inédito, e habilitando-se a disputar, em Tóquio, o Mundial Interclubes diante do Real Madrid, o então campeão europeu.

No dia 1º de dezembro de 1998, o Vasco entrou em campo para a partida diante do time espanhol. Apesar de jogar bem e ter várias chances de gol, o time de São Januário foi sobrepujado pelo Real Madrid (ESP), que contava com uma verdadeira seleção mundial, com craques como o goleiro alemão Illgner, Roberto Carlos e Sávio, Redondo (ARG) e Seedorf (HOL). O placar final de 2 x 1 em favor dos espanhóis foi conseguido com um gol do meio-campo Raúl aos 37 minutos do segundo tempo.

Mas nem mesmo a derrota em Tóquio conseguiu diminuir o brilho do ano do centenário do Vasco. Nele, o time conquistou o campeonato carioca de futebol, a Libertadores da América, o brasileiro de futebol feminino, os estaduais de remo e natação e muitos outros títulos.

1.2.2 HISTÓRIA DO FLAMENGO

Foi na casa de nº 22 da Praia do Flamengo a sua fundação, a 17 de Novembro de 1895. O Flamengo nasceu pobre, pois o 22 era uma casa que alugava cômodos, um cortiço. Nela se reuniram naquele dia, quinze rapazes: Domingos Marques de Azevedo, Desidério Guimarães, Eduardo Sardinha, Felisberto Cardoso Laport, Francisco Lucci Colás, Georges Leuzinger, José Agostinho Pereira da Costa, José Félix da Cunha Meneses, José Maria Leitão da Cunha, Mário Espínola, Maurício Rodrigues Pereira, Napoleão Coelho de Oliveira, Nestor de Barros, Emygdio José Barbosa e Carlos Sardinha.

Embora não estivessem presentes a reunião, seriam ainda considerados fundadores do clube, por deliberação da assembléia, Augusto Lopes da Silveira, João de Almeida Lustosa e José Augusto Chalhéo. Esses 18 nomes constam na placa afixada hoje na sede do Morro da Viúva, na Avenida Rui Barbosa. Para homenagear a jovem República, que estava completando seis anos, os fundadores decidiram que o dia 15 de Novembro seria dado como data oficial da fundação do "Grupo de Regatas do Flamengo", como se chamou no início.

O mais curioso da história é que o guarda-marinha Domingos Marques de Azevedo, que nem estava convidado para a reunião e chegou com os trabalhos já em andamento, entusiasmou-se de tal forma com a idéia da criação do novo clube, que acabou saindo da reunião como o primeiro presidente eleito do recém-criado Clube de Regatas do Flamengo. Francisco Colás ficou como vice-presidente, Nestor de Barros foi nomeado secretário e Felisberto Laport ficou como tesoureiro.

Em 1944, José Pereira da Cunha foi sagrado Patrono do clube e sócio nº 1. Os rapazes competiam no remo usando camisetas importadas da Europa, com as cores azul e ouro. Por sugestão de Mário Espínola. O azul representava a baía de Guanabara e o ouro as nossas riquezas. Foram essas também as cores

da primeira bandeira do clube, que mais tarde trocaria para o vermelho e preto.

Em 1920, o clube comprou em definitivo o terreno da casa de nº 22 da Praia do Flamengo. Como propriedade do Clube, a casa onde foi fundado ganhou o apelido de "República Paz e Amor". Lá se comemoravam, às vezes com alguns excessos, as vitórias do clube, e se choravam as derrotas.

Em 1933, o presidente José Bastos Padilha transformou a república na sede náutica, ao demolir a velha casa para construir, nos fundos do terreno que tinha 9,20m de frente, um prédio de quatro andares que passou a abrigar, na garagem, a flotilha de barcos do antigo Grupo de Regatas do Flamengo.

Os barcos saíam para treinos no trecho de mar bem em frente, onde se ergueu um trampolim de base de concreto, que tinha bem visíveis em duas faces da colona quadrangular as iniciais "CRF". Esse trampolim foi durante um quarto de século, um marco da Praia do Flamengo. Nas ressacas mais bravas, as ondas o encobriam e iam bater na amurada de pedra que demarcava a praia, não poucas vezes molhando os passageiros dos ônibus e lotações que passavam velozes, já numa cidade apressada.

No início dos anos 50, com a inauguração da sede do Morro da Viúva, a "sede nova", o ponto onde o Flamengo foi fundado passou a ser conhecido como "sede velha". O trampolim foi abaixo quando com o desmonte de Santo Antônio se fez o Aterro, no fim dos anos 50. As regatas passaram para a Lagoa Rodrigo de Freitas e a sede velha já não tinha muito sentido. Mesmo assim resistiu até 1979, quando foi vendida para a construtora Servenco, em troca do 4º andar do futuro bloco B do edifício que agora tem o nº 66 da Praia do Flamengo, além da participação de 12% em uma loja comercial do térreo. Uma inscrição na

entrada do prédio assinala que ali foi fundado o Clube de Regatas do Flamengo.

Mas, por enquanto, ainda estamos no velho Grupo de Regatas, com suas cores azul e ouro. As primeiras disputas, com os barcos Sevrá, uma baleeira a quatro remos, Alfa e Nerina, são um fracasso. A primeira regata foi em 5 de fevereiro de 1895, quando os remadores usaram uma camisa amarela, de manga comprida - a única encontrada no mercado. Só a partir da segunda regata é que usaram camisas nas cores azul e ouro. Nada de vitórias. Chega-se a pensar em "mau agouro" do azul e ouro. E na assembléia de 23 de novembro de 1896, logo depois do primeiro aniversário do clube, resolveu-se que aquelas cores seriam substituídas pelo vermelho e preto. Os jovens diretores achavam que essas cores eram mais aguerridas. E surgiu - para nunca mais mudar - o rubro-negro que faria história como o clube mais popular do Brasil. Decidiu-se também, na mesma assembléia, que os barcos passariam a ser batizados com nomes indígenas.

Coincidência ou não, com as novas cores e os novos nomes os barcos do Flamengo começaram a fazer sucesso. Ceci e Tupi logo tiveram segundos lugares considerados brilhantes e a 5 de julho de 1898 viria à primeira vitória, com o Irerê, a dois remos. A essa altura o remo é, segundo o jornal O País, o "nobre esporte da capital da república".

No último ano do século, o Flamengo já começava a encher-se de glórias: ganhou duas medalhas de ouro na Regata Comemorativa do IV Centenário da Descoberta do Brasil, disputada a 6 de maio. O escritor João do Rio, que retratou com talento e fidelidade a vida da capital federal naquele período, reconhecia àquela altura o grande interesse dos cariocas pelo remo - e acrescentava: "Rendamos, por isto, homenagem ao Clube de Regatas do Flamengo".

Acertou na homenagem, mas errou no nome, que em 1900 ainda era Grupo de regatas do Flamengo. Só em 1902, por proposta do poeta Mário Pederneiras em assembléia realizada em outubro, o Flamengo passaria oficialmente de Grupo a Clube de Regatas do Flamengo. O futebol, que daria ao clube a popularidade incomparável que tem hoje, ainda demoraria um pouco. Só surgiu no papel na véspera de Natal de 1911 e no campo a 3 de Maio de 1912. E surgiu graças a uma crise no Fluminense. O futuro grande rival do Flamengo tinha sido fundado em 1902, no bairro de Laranjeiras, e era o primeiro grande clube tendo como base o futebol no Rio de Janeiro.

Os jogadores estavam insatisfeitos com o seu Ground Committee (comissão de campo, espécie de mãe, ou avó, da comissão técnica de nossos dias), que tinha barrado o centroavante titular Alberto Borgerth, de uma família politicamente influente no clube, escalando em seu lugar um zagueiro (ou back), Ernesto Paranhos. Os jogadores se reuniram na Pensão Almeida, na Rua do Catete 186, bem perto do palácio da Presidência da República. Do encontro sai a decisão, aprovada por unanimidade, de uma debandada geral. Acertou-se que, para não prejudicar o clube que estava a um passo do título carioca, todos - à exceção do barrado Borgerth, claro - ainda entrariam em campo contra o América. Entraram e ganharam de 2 a 0, garantindo o título de 1911 ao tricolor. No dia seguinte, os nove dissidentes anunciaram o seu desligamento.

Em assembléia realizada no Flamengo a 8 de Novembro de 1911, Borgerth expõe o plano, dele e de seus oito companheiros, de criar uma seção de futebol no clube rubro-negro. Boa parte do pessoal do remo não gostou, porque achava o futebol um esporte para moças. A decisão teve que ser adiada e só em nova reunião, na véspera de Natal, a proposta é definitivamente aprovada: está criado, no Flamengo o "Departamento de Esportes Terrestres", cuja direção

é entregue ao próprio Borgerth. Transferem-se automaticamente para o Flamengo Borgerth e os oito brigões do Fluminense: Arnaldo de Almeida, Emanuel Néri, Ernesto Amarante, Gustavo de Carvalho, Lawrence Andrews, Orlando Sampaio Matos, Oton Baena de Figueiredo e Píndaro de Carvalho.

O futebol do Flamengo, cheio de craques, começa a treinar numa praça em frente à Praia do Russel, cedida pela prefeitura. O espaço aberto, sem muros nem portões, aproxima os jogadores da gente mais simples, os treinos atraem muitos curiosos e aquele jogo vai se tornando popular. Com o futebol, portanto, o Flamengo começa logo nos braços do povo, numa paixão que nunca mais parou de crescer, até transformar o clube no mais querido do Brasil.

No dia 9 de Janeiro de 1912 é oficializado o ingresso do Flamengo na Liga Metropolitana de Esportes Atléticos, a entidade dirigente do futebol carioca. A estréia do time foi a 3 de Maio de 1912, pelo campeonato carioca, e os jogadores tiveram de vestir uma camisa de grandes quadrados vermelhos e pretos, que logo ganhou o apelido de "papagaio de vintém". Afinal, lembravam desenhos dos papagaios de empinar, que se compravam por qualquer vintém, a menor fração dos mil-réis encontrada em forma de moeda.

A estréia do Flamengo foi contra o Esporte Clube Mangureira, formado por operários da antiga fábrica de chapéus Mangureira. O jogo foi vencido facilmente pelo Flamengo pelo placar de 16 a 2. Gustavo de Carvalho, um dos ex-tricolores e futuro presidente do Flamengo (1939-1942) fez o primeiro gol do clube e ainda mais quatro. Marcaram ainda: Arnaldo (4), Amarante (4), Borgerth (2), e Galo. O primeiro time da história do Flamengo alinhou com Baena, Píndaro e Néri; Lawrence, Gilbert e Galo; Baiano, Arnaldo, Amarante, Gustavo e Borgerth. Houve festa depois da vitória sobre os operários do bairro suburbano da Mangureira, mas os jogadores não se conformavam com aquela camisa de enormes quadrados e continuavam reclamando

o direito de usar uma camisa igual à do pessoal do remo, isto é, com listras horizontais vermelhas e pretas.

Mais do que à vontade dos jogadores, a superstição entrou ainda uma vez em cena, como nos tempos das cores azul e ouro. Com o papagaio-de-vintém o Flamengo perdeu o primeiro Fla-Flu da história, no campo do Fluminense, a 7 de Julho de 1912. Acabou vice-campeão, como também foi vice em 1913, usando sempre o papagaio-de-vintém. Esses vices ajudaram a criar implicância contra a camisa, da qual surgiam comentários de que ela daria azar. E em 1914 as camisas passaram a ser iguais às do remo. Bem, não exatamente iguais.

Para não se fazer uma afronta completa aos remadores, que continuavam achando que o novo esporte, "com seus pulos e saltinho de bailarina" não era coisa para homem, intercalaram-se listras brancas bem fininhas entre as vermelhas e pretas. Com isso, a camisa foi logo apelidada de "cobra-coral" - e com ela o Flamengo ganhou os campeonatos de 1914 e 1915. Apesar de vitoriosa, a cobra-coral não duraria muito.

Com a primeira guerra mundial (1914-1918), as três cores começaram a ser malvistas pelo povo: eram as cores da bandeira da Alemanha, vista pelos Aliados e os seus partidários como "a inimiga comum de todos os povos". O Brasil romperia relações com a Alemanha em 10 de Abril de 1917, mas antes disso o Flamengo já tinha abandonado a cobra-coral. Hábeis, os dirigentes aproveitaram a grande festa de inauguração do primeiro estádio do clube, na Rua Paissandu, esquina de Guanabara (hoje Pinheiro Machado), portanto bem pertinho do campo do seu rival Fluminense, para acabar com a camisa que lembrava a "bandeira inimiga". Não houve choro nem vela, até porque o branco nunca fez parte da bandeira do clube. E como o motivo era ponderável, o pessoal do remo teve que se conformar.

Desde 4 de Julho de 1916, o Flamengo nunca mais mudou o uniforme, a não ser em pequenos detalhes. O jogo de estréia do novo uniforme e de inauguração do campo da Rua Paissandu foi contra a Associação Atlética São Bento, de São Paulo, e o Flamengo venceu por 3 a 1, jogando com Cazuza (reserva de Baena), Antônio e Néri; Curiol, Sidney e Galo; Arnaldo, Gumerindo, Reid, Borgerth e Riemer. Os gols foram marcados por Sidney, Gumerindo e Riemer. Oficialmente, o novo uniforme só foi aprovado depois de quatro anos de amplo uso, na assembléia de 23 de Dezembro de 1920, quando o presidente já era Faustino Esposel.

Em 1926, às voltas com problemas financeiros, o Flamengo perdeu o terreno do campo da Rua Paissandu, quando a família Guinle o pediu de volta e o clube não tinha dinheiro em caixa. Logo depois, conseguiu um terreno de 34.120 metros quadrados às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, ponto considerado na época um fim de mundo. Em 1944, com o aterramento parcial da Lagoa Rodrigo de Freitas, essa área seria ampliada para 72 mil metros quadrados. A doação foi confirmada em 1931, mas a construção só foi iniciada em 1934, na administração José Bastos Padilha, um dos presidentes mais dinâmicos do clube. O prefeito Pedro Ernesto (um dos líderes nacionais da Revolução de 1930) concedeu empréstimo para o início das obras. O estádio Bastos Padilha foi inaugurado a 4 de Setembro de 1938 e com ele o Flamengo passou a ser, de um modo um tanto estranho, o "Clube da Gávea". Curiosamente, um clube que deve seu nome ao bairro onde nasceu tornou-se o "Flamengo da Gávea".

A inauguração, aliás, não pôde ser uma festa completa, porque o Flamengo perdeu para o Vasco pelo placar de 2 a 0. Mas naquele estádio, o Flamengo obteria sua primeira grande conquista, o primeiro tricampeonato (1942-43-44), e ampliaria a sua grande popularidade com equipes que incluíam os maiores craques que o Brasil viu jogar, como Leônidas, Domingos da Guia, Zizinho,

entre outros tantos. A partir dos anos 50, foi construído o Estádio do Maracanã, que foi logo batizado com o tri Rubro-Negro de 1953-54-55. O Rio de Janeiro se rendia ao talento de Rubens, Evaristo, Benitez, Dida e outros. Nacionais (80-82-83-87), a Libertadores da América e o grande ápice, o Mundial em Tóquio, em Dezembro de 1981.

O mundo se encantou com o talento de Zico, Adílio, Júnior, Mozer, Leandro, Raul e Cia. E mesmo após a aposentadoria do seu maior ídolo, o Flamengo continuou papando títulos: foi campeão da Copa do Brasil (1990), pentacampeão nacional (1992), Campeão da Copa Mercosul (1999) e novamente tricampeão carioca (1999-2000-2001).



Figura 04 - Formação do Time Flamengo em 1938.

CAPÍTULO II

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

2.1 MÍDIA TELEVISIVA E FUTEBOL

“É possível imaginar que, em relação ao poder dos meios de comunicação, as pessoas reagem, acreditando que a influência negativa

acontece sobre os outros e não consigo mesmas. Mas, ao lado dessa pista sobre o comportamento da recepção diante do conteúdo da televisão, observa-se que o meio profissional também se dá conta de que a famosa passividade do receptor não se sustenta. Os meios de comunicação de massa já discutem, com frequência, os efeitos da comunicação sobre o receptor, reconhecendo naqueles uma característica ativa que chega até a incomodar diante da influência sobre o conteúdo da programação”⁵.

O futebol no mundo de hoje é um negócio antes de qualquer coisa. É inegável o predomínio do dinheiro nesse mercado que fatura bilhões às custas da emoção de cada um que se empenha em torcer por um time onde quer que ele esteja e independente da condição que atravesse. Os interesses estão longe, muito longe, do sentimento mais puro que habita o coração de um apaixonado torcedor.

Neste contexto, a televisão é a principal peça da engrenagem que gira em torno do esporte mais popular do planeta. Ela é a chave para que as empresas anunciem os seus produtos em qualquer parte do mundo, bastando apenas que se gaste uma considerável quantia em propaganda. Neste esquema também estão inseridos os clubes de futebol, jogadores, empresários. É como se fosse uma cadeia em que o público fosse o elo final.

“O avanço teórico considera a audiência nas perspectivas de recepção como uma parte da rotina diária do indivíduo, entendendo-se a exposição aos meios de comunicação como algo automático e secundário e considerando-se

⁵ LOPES, Fernandes Dirceu, SANTOS, Trivinho Eugenio. Sociedade Mediática: Significação Mediações e Exclusão SP: ED. Universitária Leopoldianum, 2000 pag. 164.

que o receptor, ativamente, atribui significado próprios aos conteúdos dos meios de acordo com a realidade sócio cultural em que vive⁶”.

Levando em consideração que a cadeia de produção, onde, basicamente, estuda-se o fluxo de um produto, passando por fases até anteriores a sua produção e culminando com a chegada deste bem ou serviço ao consumidor final – o grande público. Ainda com ênfase nesta abordagem, o público alvo de determinado produto seria o principal agente causador de mudanças ao longo dos segmentos anteriores, influenciando, através de gostos e preferências, todo o processo que visa a beneficiá-lo.

No caso do futebol, então, o torcedor é quem manda, segundo a lógica acima - descrita de forma genérica. No caso de produtos em geral, estratégias de marketing são capazes de inverter, de certa forma, estas vias, atribuindo aos intermediários valor maior que ao elo final. No futebol, entretanto, esta lógica já está invertida. Quem manda é a televisão, que, apesar de atuar no meio da corrente, consegue influenciar, de forma significativa, ambos os lados.

O grande problema é que, quando se tem algum integrante deste modelo em posição privilegiada, a tendência é que haja um domínio sobre os demais, submetendo-se os outros participantes da cadeia aos interesses de quem comanda. Passando da teoria à prática, vamos aos exemplos do abuso. No campeonato brasileiro da série B, que tanto almejávamos, os jogos ocorreram, em sua grande maioria, às sextas e terças-feiras. E o domingo, quase sinônimo de futebol, além de missa e praia? Não interessa o hábito do torcedor, mas o valor que se ganha na televisão com jogos em dias diferentes.

⁶ LOPES, Fernandes Dirceu, SANTOS, Trivinho Eugenio. Sociedade Mediática: Significação Mediações e Exclusão SP: ED. Universitária Leopoldianum, 2000 pag. 165.

Nos dias atuais o futebol se define como *business*, de tal modo que ele é considerado mundialmente pelos clubes como um modelo de resultados. Tal fato deriva-se, sobretudo, das transformações tecnológicas e informacionais ocorridas no final deste século. De acordo com noticiários diversos, R\$ 1,5 bilhão. Este é o valor que poderá ser pago pelas redes de TV aos times brasileiros em 2008 para transmitirem os campeonatos de futebol.

Hoje, a Globo, que tem TV aberta (Rede Globo) e TV por assinatura (Sky e Net) e a Bandeirantes pagaram ao Clube dos 13 US\$ 63 milhões pelo direito de transmitir os jogos do Campeonato Brasileiro. Somados aos R\$ 15 milhões do Campeonato Carioca, aos R\$ 45 milhões do Paulista e outros quebrados das copas regionais, Mercosul e Libertadores, os times brasileiros receberam este ano uns R\$ 200 milhões das TVs.

Para chegar aos R\$ 1,5 bilhão (US\$ 750 milhões) em 2008, os contratos teriam que se valorizar 650%, quase 70% ao ano. Como comparação: a poupança rende 6% a cada ano. Olhando os gráficos 1 e 2, percebe-se a relação entre o número de assinantes de TV fechada e os valores do futebol. O motivo é simples. Para fazer com que o telespectador aceite pagar por algo que sempre foi gratuito, no caso da televisão, é preciso oferecer algo especial.

Na Inglaterra, por exemplo, a News Corp lançou sua TV por assinatura (TV BSkyB) apoiada no futebol. Já pagou o equivalente a R\$ 2,4 bilhões desde 1992 aos times ingleses, mas só ela passa os jogos. Resultado: em sete anos ganhou quatro milhões de assinantes, que pagam o equivalente a R\$ 85,00 por mês só para assistir aos jogos. Alberto Pecegheiro, diretor da Globosat, empresa da Globo que administra os sistemas Sky (TV por assinatura via satélite) e Net (via cabo), acredita nessa tendência também aqui. Hoje o Brasil tem 2,7 milhões de casas com TV por assinatura. O estudo da TopSports/Kagan avalia que o Brasil terá dez milhões de assinantes em 2008.

No ano de 2002, empresas como Bradesco e Havaianas pagaram por espaços publicitários em jogos de futebol cerca de R\$ 375 milhões. A Globo ficou com R\$ 270 milhões, a Bandeirantes com R\$ 120 milhões, segundo o Clube de Mídia, que faz levantamentos sobre o mercado publicitário.

O estudo da empresa de Pesquisa TopSports aposta que quando o dinheiro dos anunciantes chegar ao teto, às TVs fechadas vão entrar no circuito. Interessadas em atrair telespectadores assinantes, elas aceitarão pagar mais que as TVs abertas. E poderão fazer isso porque o dinheiro delas virá dos próprios assinantes. Não depende dos anunciantes.

A concorrência entre as empresas de televisão fará os direitos esportivos crescerem, rebate Guilherme Paes, sócio do Pactual, banco que negocia investimento no futebol brasileiro.

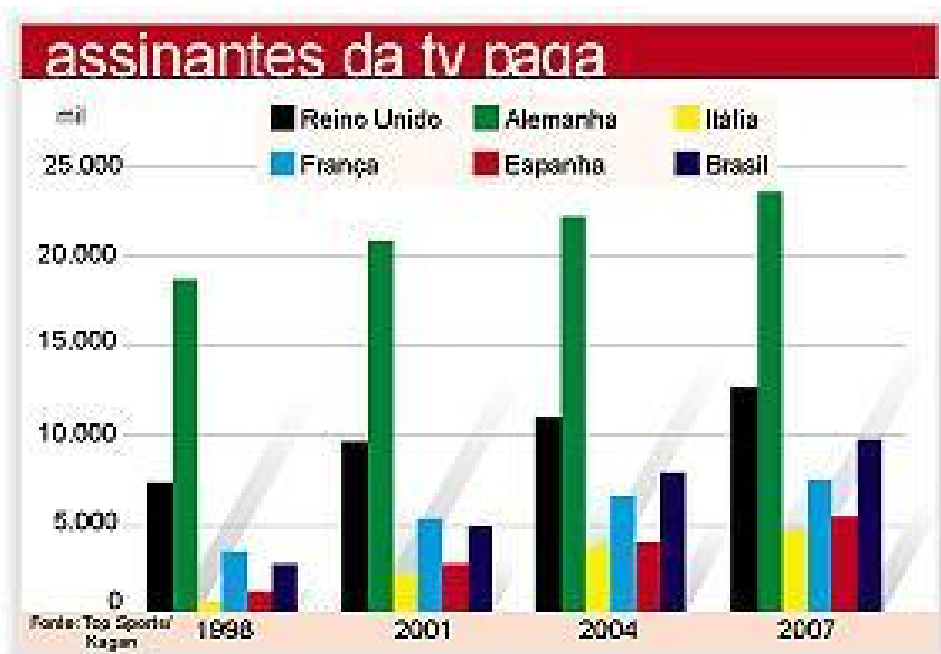


Gráfico 01

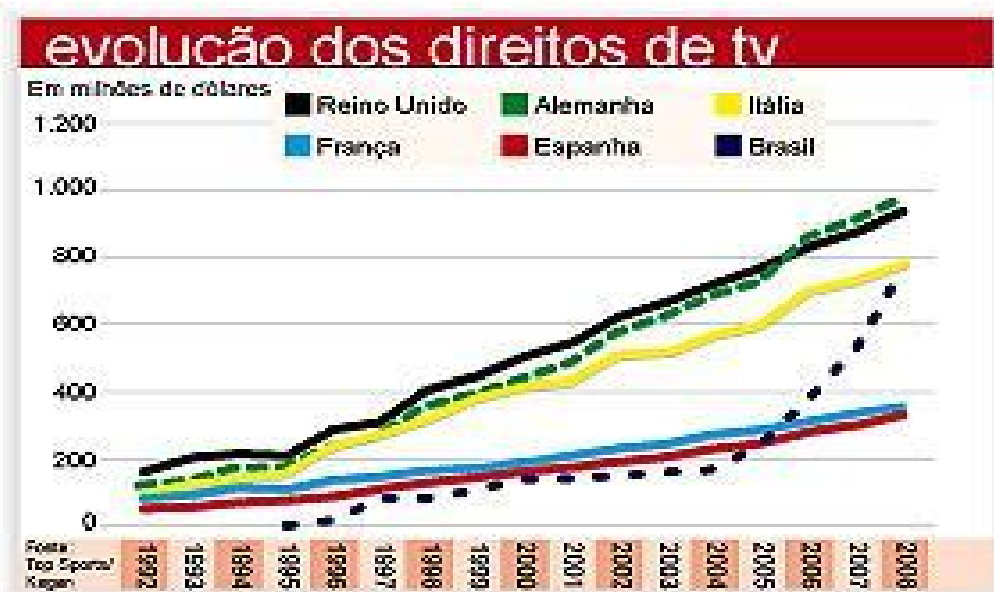


Gráfico 02

2.2 AS MÚLTIPLAS FACES DE UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

Roberto Da Matta percebe o Futebol brasileiro como um fenômeno grandioso, esporte das massas. DA MATTA (1977:43) analisa vários rituais nacionais brasileiros entre eles o Futebol - e afirma que tais fenômenos salientam determinados aspectos da vida cotidiana, confirmam a estrutura dominante e invertem padrões, tais como os étnicos. O futebol inverteria o racismo de classe, neutralizaria as diferenças de origem sócio-econômica: o que importa é ter ginga no pé?.

“Os rituais dizem as coisas tanto quanto as relações sociais (...). Tudo indica que no mundo ritual as coisas são ditas com mais veemência, com

maior coerência (...). Os rituais seriam assim, instrumentos que permitem uma maior clareza das mensagens sociais.” (DA MATTA, 1977:45).

No que diz respeito à nossa sociedade, ele toma o Futebol, o carnaval e a umbanda como exemplos de fenômenos tipicamente brasileiros, por isso estes acontecimentos nos possibilitam uma sensação de imensidão, de totalidade, já que nos liga completamente a um corpo social bem maior. E a partir do futebol brasileiro também podemos entender melhor o que Roberto Da Matta diz quando se refere ao futebol no Brasil como uma instituição social, basicamente masculina e bastante presente no mundo social público, ou seja, não se restringe a um seleto grupo de participantes. Isso aponta para uma curiosidade. Frequentemente o que é masculino, próprio dos homens, é geral porém, o que é feminino, típico do mundo das mulheres, diz respeito somente a elas.

Em outras palavras, não possuímos nenhum fenômeno social de caráter feminino que é tão público e valorizado quanto o Futebol.

Raciocínio semelhante ao desenvolvido por Da Matta a respeito do Futebol brasileiro é o de Clifford Geertz acerca da briga de galos na ilha de Bali. Para Geertz, aquele fenômeno social nada mais é do que uma expressão clara da cultura local. Desta forma ele estabelece que:

“Uma imagem, uma ficção, um modelo, uma metáfora, a briga de galos é um meio de expressão, sua função não é nem aliviar as paixões sociais nem exacerbá-las (embora ela faça um pouco de cada coisa), mas exibi-la em meio a penas, ao sangue, às multidões.” (GEERTZ, 1978:311)

Assim como o jogo de Futebol traduz o contexto simbólico brasileiro, a briga de galos em Bali revelaria o inconsciente sócio-cultural daquele povo.

“Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali - na verdade, são os homens que se defrontam”. (1978:283).

De maneira similar, Da Matta projeta no Futebol brasileiro os dramas, paixões e estereótipos peculiares à sociedade brasileira como um todo. Isso porque, na maioria das vezes, a vivência da realidade subjetiva e os significados sociais da cultura não são conscientes para grande parte dos sujeitos sociais, e podemos perceber isso claramente em relação ao Futebol brasileiro, pois como nos aponta SOUZA (1996: 130), o Futebol pode ser visto como uma espécie de condensador da identidade brasileira em vários aspectos, entre eles, as relações de gênero a superioridade quase que total da figura masculina, as piadas em relação a tudo que diz respeito ao feminino.

Ao pesquisar o Futebol brasileiro também GUEDES (1977: 65) percebeu dois conjuntos opostos de representações e valores, oposição essa inconsciente para os atores envolvidos: de um lado há tudo aquilo que se associa ao masculino: coragem, espírito de luta e de camaradagem, invasão, posição ofensiva. De outro lado, coloca-se tudo aquilo que **preconceituosamente** a sociedade atribui ao feminino, sendo características apenas do time adversário, jamais do nosso: covardia, espírito ardiloso, falsidade, inércia, receptividade, posição defensiva. Desta forma seu olhar corrobora a perspectiva de Marcos Souza, *“(...) não se pode definir o que é o povo pelo Futebol. Porém, pode-se perceber aspectos relacionados à nação no Futebol”* (SOUZA, 1996:139).

Esta atribuição de aspectos ligados ao feminino à torcida adversária é clara e nos permite fazer a seguinte interpretação: o nosso grupo é mais macho que o grupo do outro, caso o nosso time tenha vencido. Neste sistema simbólico

a cooperação entre iguais é questão de honra, bem como a rejeição pelo diferente explicitamente ligado à mulher e ao feminino em geral. Através disso podemos ver como a masculinidade é relativa e como a feminilidade é tomada como o estranho por excelência. Neste sentido, vencer um inimigo no Futebol significa uma auto-afirmação simbólica da própria potência (SOUZA, 1996:140), ou ainda, “(...) *o confronto simulado com uma bola, entre duas comunidades representadas por elementos masculinos, que é inclusive compartilhado pelos torcedores, constitui uma forma de ritual viril*” (SOUZA, 1996:135).

SOUZA também compreende o Futebol como uma forma de exibição exacerbada dos atributos da masculinidade, um dos processos pelos quais a masculinidade nacional se reafirma, cabendo à mulher um mero papel secundário. A agressividade típica da virilidade mediterrânea - se faz acompanhar de um sadismo ostensivo em relação ao time adversário (menos másculo), perdedor (e por isso foi feminilizado).

É comum os torcedores enaltecerem a sua imagem de masculinidade, em detrimento de uma suposta falta de virilidade, passividade e feminilização dos adversários, principalmente nas suas manifestações coletivas, como nos xingamentos, “(...) *a mulher também é vista como algo que deve ficar fora do Futebol*” (SOUZA, 1996:145).

Como a identidade masculina se constitui por conformação ao modelo viril o homem deve ser ativo, dominante, violento, hierárquico e repelir o feminino. Isso seria necessariamente típico em quase todas as relações entre homens, todavia mais explícito nos esportes em geral como aponta o mesmo cientista. “(...) *na relação entre homens é comum a busca da vitória física, ou simbólica, de um homem sobre o outro, o que não acontece na relação entre as mulheres. Às mulheres são endereçados outros jogos*” (1996:141).

Então, de modo geral, o homem precisa aniquilar o outro para afirmar sua identidade neste sistema de gênero, ao passo que a mulher deve sempre se mostrar disposta a ceder, a cuidar, a servir. As interações masculinas enfatizam a dominação e ao mesmo tempo o narcisismo, a adoração por si e por suas próprias capacidades, as interações femininas por seu turno enfatizam as ligações afetivas e altruístas. Isso valida a afirmação de Umberto ECO (apud SOUZA), para quem o Futebol é equivalente à brincadeira de casinha das meninas, pois atua como fator de socialização dos meninos de acordo com lugares e padrões sociais pré-estabelecidos.

Assim sendo, a simpatia no sentido estrito do termo, sofrer com o motivo das interações ali realizadas. Em recente trabalho também argumentamos a respeito dessas características nos grupos de adolescentes masculinos (FREITAS, 1997:45). Acreditamos então que tais aspectos como a identificação de fortes vínculos afetivos que podem ainda ser mais reforçados quando um objetivo comum influencia os componentes do grupo; neste caso aqui tratado, seria a dedicação e o apreço que pode variar da mais sutil admiração ao mais doentio dos fanáticos por um clube de futebol.

2.3 VIOLÊNCIA E FUTEBOL

O futebol é sem dúvida uma das maiores paixões do brasileiro. Milhares e milhares de pessoas vivem a discutir sobre o tema, sendo que cada uma tem o time de sua preferência na ponta da língua e vive puxando a brasa, distorcendo mesmo as coisas, a favor de seu time de coração. Aliás, se procurarmos o sentido da palavra torcer no dicionário, descobriremos que, entre outras definições, o verbo significa corromper, desvirtuar, fazer mudar de rumo ou de tenção.

Há, inclusive, uma corrente que diz que daí vem o verdadeiro sentido da palavra torcedor. Alguém que, entorpecido por uma paixão que invade sua alma, a ponto de muitas vezes cegá-lo, de dificultar-lhe a visão quando a situação não o favorece, torce os fatos, as evidências, a fim de que seu clube sempre esteja por cima, o pavilhão intocável, cujas façanhas passadas têm o poder de enevoar um presente que, por vezes, não condiz com uma história tão gloriosa.

Outro aspecto comum da violência no esporte é o das brigas entre torcidas de clubes rivais. Vejamos as coisas de uma maneira bem simples: ora, existe coisa melhor para quem é aficionado por futebol, do que sentar-se à mesa de um bar e, entre um choppinho e outro, discutir com os amigos sobre as últimas do velho e bom futebol? E quantos desses melhores amigos torcem por clubes rivais? Você passará a odiá-los por causa disso? Amizade não tem preço, fazer novas amizades também não. Não é possível que alguém que realmente seja um apaixonado pelo seu time, como costumamos dizer, de coração, vá a um estádio com o único objetivo de brigar com os adeptos do outro clube. Quem faz isso não é um verdadeiro torcedor, mas sim um perturbador.

2.4 - ESTÁDIO DE FUTEBOL OU CAMPO DE GUERRA?

O índice de violência nos estádios de futebol de acordo com o João Ricardo Cozac⁷ vem crescendo assustadoramente. As praças esportivas deixaram de representar um espaço para o lazer, transformando-se em verdadeiros campos de guerra. Os estádios viraram um reflexo da angústia da luta pela sobrevivência. O nível de desemprego e a conseqüente violência gerada pela desastrosa situação social, política e econômica do País colaboram com este triste quadro. Assistir

⁷ João Ricardo Cozac é psicólogo e atua na área esportiva há sete anos. Professor de Psicologia no Esporte na Universidade Mackenzie (SP). Trabalhou no Corinthians, em 1997, e no Goiás, em 1998.

a um clássico Vasco x Flamengo pode representar um risco que em tempos anteriores não existia. A rivalidade presente nos campos de futebol transcende uma simples questão de amor pelo escudo: é uma questão de sobrevivência, de matar e aniquilar o inimigo.

Os jovens, muito deles sem rumo nem oportunidades na vida, juntam-se e resolvem manifestar toda a agressividade nos estádios. Identidade coletiva. O indivíduo integrante de um grupo qualquer assume a identidade do coletivo, dissolvendo muitas vezes seus próprios valores em nome de algo maior que o de si mesmo. Na visão de Freud, a massa é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que se unem por um momento, agindo de uma determinada forma quando unido e de outra, quando seus componentes são analisados separadamente.

Para Freud a massa é impulsiva, mutável e irritável e que não pode tolerar qualquer demora entre o seu desejo e a realização do mesmo. Ainda citando Freud, o cientista afirma em sua obra *Psicologia das Massas e Análise do Ego* que um indivíduo inserido na massa se comporta como alguém em estado onírico e, portanto, de profunda inconsciência.

Enquanto a situação política e social deste país não mudar, continuaremos a presenciar as tristes e lamentáveis cenas de vandalismo e morte dentro dos estádios de futebol: um esporte que foi criado para unir e promover bons momentos acabou virando centro de agressão e homicídios.

2.5 - TORCEDORES: FANATISMO E VIOLÊNCIA

Retrato falado de um torcedor violento⁸

⁸ Fonte: <http://www.fanaticostof.hpg.ig/perfitorcedor/htm>

Idade: de 16 a 25 anos

Classe econômica : Média baixa e baixa (representa famílias que ganham de um a dez salários mínimos)

Onde moram : Periferia

Lema : Honrar a camisa

Porque brigam: Porque é legal

Troféu : Chegar em casa machucado ou ter passado pela polícia

A morte é o limite? A camisa está acima de tudo

Promoção: Assumir uma bronca, ou seja, ser preso, faz o torcedor ganhar moral em sua torcida

Armas que mais usam em brigas:

Dentro do estádio: instrumentos musicais e mastros de bandeiras

Nas imediações : bombas caseiras e garrafas

Longe dos estádios : bombas caseiras e armas de fogo

Onde acontecem os confrontos: 64 % das brigas acontecem longe dos estádios

32 % na volta para casa, 4 % nos estádios.

Há muito, uma inquietação ronda o cotidiano de todo torcedor: a questão da **violência** no futebol, que acreditamos ser gerada pelo **fanatismo**.

Atualmente, para a imensa maioria do povo brasileiro, essas duas entidades são fontes de extrema preocupação, seja em casa, na rua, no trabalho, no bar; tão extremas que hoje são consideradas banais, fazendo parte inclusive da formação de nossa identidade. Para os brasileiros desse fim de milênio, o futebol e a violência são assuntos universais, sem distinção de raça, classe ou renda.

Dessa forma, se por um lado ficamos alegres com o universo do futebol, por outro permanecemos perplexos diante da generalidade da agressividade. Existe um encaixe quase perfeito entre o futebol e violência. Além da violência dos

jogadores, existe também um outro tipo de que passa quase despercebida, que é a participação dos técnicos ao criarem entre outras coisas, táticas de contenção de jogo e do adversário; além de mencionar a dita rivalidade entre as torcidas.



Figura 05 – Desabamento do alambrado – São Januário

Alguns cronistas de esporte, dizem que violência e futebol sempre estiveram relacionados, e o que vemos atualmente é a renovação histórica dessa eterna relação. Se a violência fundou a cultura humana, ela estaria também diretamente conectada à gênese do futebol. Por que tantas metáforas guerreiras no meio futebolístico? O futebol não seria a guerra feita por outras maneiras? Ou o futebol é o esporte que apazigua o instinto violento do ser humano? Contudo, mesmo admitindo que futebol e violência tenham uma relação profunda, a impressão atual é a de que, assim como a violência vem corrompendo a sociedade brasileira, ela também é uma das maiores causas do esvaziamento dos estádios.

Talvez estejamos vivendo uma situação limite, ultrapassando uma fronteira que separa algumas vezes a normalidade do caos. O excesso de violência vem transformando qualitativamente nossa visão da sociedade e nosso ponto de vista sobre o futebol. E sendo o esporte um modo de agir e conhecer a realidade humana, e sendo o futebol o esporte fundamental do povo brasileiro, uma mudança determinada justamente pela violência pode trazer, a médio e longo prazo, resultados catastróficos.



Figura 06 – Vandalismo de Torcidas Organizadas

CAPÍTULO III

HISTÓRIAS APAIXONADAS NARRADAS POR RORAIMENSES

Para falarmos de fanatismo em Boa Vista e contextualizarmos essa paixão dos boa-vistenses pelo futebol, conversamos com alguns torcedores, onde vamos contar um pouco da história de vida e como nasceu o amor pelos Clubes do coração, bem como apresentamos uma crônica de Fernando Quintella sobre o assunto:

DEPOIMENTO 1

Com a palavra, o senhor Vasco!

José Laerte de Oliveira, conhecido taxista em Boa Vista, nasceu em 1928 e faleceu em 2002, aos 72 anos. Mas deixou seu nome gravado na história dos torcedores fanáticos pelo Clube de Regatas Vasco da Gama.

Laerte teve 11 filhos, oito homens e três mulheres. No auge de sua paixão pelo Vasco nasceu, em 1955, seu filho caçula, o qual **foi batizado de *Vasco da Gama Paixão de Oliveira***. Laerte sempre gostou de futebol, e foi daqueles torcedores que não fugia de uma boa discussão, debatendo fervorosamente contra os rivais, sem nunca perder a cabeça.

Seu amor pelo futebol não se restringia somente a torcer, Laerte atuou como jogador do Rio Branco Sport Clube, time filiado a Federação Roraimense de Futebol na época. Essas informações nos foram passadas pelo próprio *Vasco da Gama Paixão de Oliveira*. Ele nasceu em Boa Vista no dia 28 de novembro de 1955, e como não poderia ser diferente é torcedor do Vasco da Gama - Clube pelo qual tem grande paixão e que admite não ser tão fanático como foi seu pai.

Vasco, por ter um nome famoso ou mesmo incomum, conviveu esse tempo todo rodeado de gozações e brincadeiras, desde o tempo do colegial. Ainda hoje, fazendo o curso de Engenharia na UFRR, as brincadeiras permanecem, principalmente, na hora em que os professores fazem a chamada: ao ouvir seu nome é comum alguma manifestação.

Ele lembra também que existem as molecagens, piadas e brincadeiras feitas a seu favor, e que quando o Vasco está por cima os rivais na sua maioria desaparecem. Vasco afirma que sempre teve orgulho do nome de batismo e que graças às conquistas alcançadas pelo Clube Vasco, inclusive de âmbito internacional,

sua popularidade sempre foi das melhores junto aos colegas.

Vasco é freqüentador assíduo do Canarinho, estádio onde são realizados os jogos em Boa Vista. Sempre que pode, prestigia os jogos do futebol local.

Uma curiosidade interessante é que quando ele assiste aos jogos pela tv, não abre mão de também ouvir o rádio, pois segundo Vasco, o narrador da televisão prioriza somente os lances de real perigo de gol, enquanto que a narração do locutor de rádio transmite emoção durante os 90 minutos de jogo. “O que vale na Tv é você poder tirar dúvida de qualquer lance, além do espetáculo à parte que as torcidas proporcionam em dia de clássico e no dia que elas não optam pela violência”, comenta Vasco Paixão.

Vasco tem seis filhos, apenas um do sexo masculino, hoje com 15 anos. Os seis são vascaínos, e a tradição promete se manter por outras gerações, pois ele já é avô de dois netos e uma neta, e o primeiro presente do vovô coruja foi exatamente a camisa do Vasco para cada netinho. “E dá-lhe Vasco!”, sentencia Vasco da Gama Paixão de Oliveira.

DEPOIMENTO 2

O flamenguista filho de Português

Filho de Aquilino Duarte, um dos primeiros estadistas de Roraima, Francisco Chagas Duarte, nascido há 75 anos, no tempo em que Roraima pertencia ao estado do Amazonas, não esconde o orgulho de ser considerado um dos mais ferrenhos torcedores do Flamengo.

Chagas conta como essa paixão surgiu e compara os torcedores de sua geração com os atuais: com 16 anos foi estudar em Belém do Pará. Na república onde morava a popularidade dos clubes era bem equilibrada, até porque o paraense é um povo muito fanático por futebol e para eles Remo e Paysandu vem em primeiro plano. Mesmo assim Flamengo e Vasco eram maioria em se tratando de clubes cariocas.

“Nesse tempo, circulava em Belém, uma revista especializada em esportes cujas cores predominantes era o vermelho e preto, e talvez por esse motivo era comum haver matérias sobre o Flamengo, daí eu passei a me interessar e lia a revista semanalmente. Então o rubro-negro surgiu no meu coração e o guardo até hoje. Quando voltei a Boa Vista percebi que a torcida pelos times cariocas havia crescido, foi então que atentei para o fato de que Roraima ao se tornar Território Federal teve como primeiro governador o Capitão Ene Garcez, oriundo exatamente da cidade maravilhosa e trouxe a tira-colo seu secretariado e respectivas famílias. Daí o início da influência pelo futebol carioca. E com o predomínio de Vasco e Flamengo. Não demorou muito para que os jogos fossem retransmitidos pela Rádio Nacional. E pra variar os jogos de Vasco ou Flamengo eram na maioria das vezes os escolhidos, tendenciando mais para o mengo. Aliás, a mídia toda era tendenciosa, havia um locutor com o pseudônimo de Garotinho que quando narrava um gol do mengão parecia que ia ter um ataque”, explica Chagas.

“Mas as transmissões dessa época eram muito precárias, e o número de rádio na cidade não chegava a 10%. Então o jeito era o seguinte: Nos jogos do Flamengo os adeptos se reuniam num barzinho dos irmãos Cristóvão e Joãozinho Melo conhecidos como doentes pelo time rubro-negro. Na vez do grupo rival o encontro ocorria na casa de Virgílio Melo, parente só no sobrenome, mas vascaíno roxo.”

Chagas nos fala que morou por quase um ano na cidade do Rio de Janeiro, e nessa ocasião seu amor pelo mengo cresceu ainda mais ao ponto de adquirir o título de Sócio Patrimonial, cuja ação detém até a presente data.

Nessas andanças, Chagas também morou em Recife, e no seu retorno, acabou descobrindo que era bom jogador, melhor ainda, se destacou como exímio artilheiro, chegando a jogar pelo Baré - clube de tradição em Boa Vista e fundado pelo seu pai. No mesmo clube também exerceu as funções de técnico e de diretor social.

Foi a partir da década de 70 que Chagas passou a fazer gozação com um grupo de vascaínos, ele conta que quando o rival perdia, mandava telegramas e cartas para os principais torcedores do Vasco com dizeres semelhantes à de um convite para enterro, só que as gozações não eram assinadas. E esse tipo de brincadeira durou bastante tempo, sem que descobrissem quem era o autor. Quando isso ocorreu Chagas Duarte explica que em algumas ocasiões precisava desligar o aparelho telefônico, pois a turma cruzmaltina não o deixava em paz.

Em 1978, o Flamengo fez um amistoso contra a seleção roraimense, com o estádio Canarinho completamente lotado, “foi um espetáculo!” O time do Flamengo veio trazendo seu maior ídolo de todos os tempos, Zico - o galinho de Quintino. O resultado da partida apontou 4X2 em favor dos rubro-negros. E o herói da seleção de Roraima foi o arqueiro Stanley que fez, no mínimo, quatro intervenções magníficas.

Para Chagas Duarte o futebol moderno mudou muito, não existe mais aquele romantismo, os craques não jogam mais por amor ao clube e são, na maioria, mercenários. Os cartolas criaram as torcidas organizadas, agora não conseguem controlá-las, as transmissões de jogos pela tv só visa o comércio. “Sinto falta do meu tempo, mas é claro, as cores do mengão correm no meu sangue. Como diz a letra do hino, ‘uma vez Flamengo, Flamengo até morrer’”, conclui Duarte.

Nas entrelinhas, algumas curiosidades:

Em 1962, um torcedor fanático pelo Flamengo, conhecido como Tabajara, conseguiu formar e inscrever um time na Federação de Boa Vista, com o nome de Flamengo. Disputou e foi campeão roraimense nesse ano. Como detalhe o filho do fundador também chamado Tabajara, jogava de ponta direita. O referido time só participou do campeonato local nesse ano de 62, foi campeão e em seguida foi desfeito.

Na época do governo de Ene Garcez era comum conseguir viajar para o Rio de Janeiro, por meio da Força Aérea Brasileira - FAB, a passagem de ida e de volta era cortesia do governo. No retorno do Rio, souvenir de Vasco e Flamengo não faltavam.

O pai do Chagas Duarte era um dos torcedores mais fanáticos pelo Vasco, foi governador de Roraima, fundou o clube de futebol Baré Sport Clube, e não conseguiu convencer seu filho a fazer parte da família vascaína.

DEPOIMENTO 3

O torcedor na maturidade: Antes tarde do que nunca!

Conversamos também com Edílson Melo Galvão, roraimense, 56 anos, afixado torcedor do Flamengo, bastante conhecido por seu fanatismo e pelo apelido Corrimboque, que herdou do tio Chamado de Chagas Corrimboque. Corrimboque segundo Edílson, significa chifre pequeno de boi onde se coloca um rapezinho para se cheirar e espirrar.

Por curiosidade essa paixão toda não começou na sua infância, a mesma só veio despertar aos 26 anos, quando ouvia a transmissão de um jogo do Flamengo que na época contava com craques consagrados como Zico, Adílio, Júnior, dentre outros. E pelo entusiasmo com que o narrador transmitia, Corrimboque passou a gostar daquele time e deu início a uma paixão num certo ponto tardia, mas que carrega hoje com muita energia.

Corrimboque é comerciante e possui, um estabelecimento, bar e lanchonete, no conjunto Pricumã, ponto conhecidíssimo pela sua peculiaridade. O local existe há seis anos e é todo pintado e decorado nas cores vermelho e preto. Existem inúmeros pôsteres, medalhas, troféus, fotografias, um verdadeiro museu com as coisas do Flamengo. Toalhas de mesa, paredes, portas, todas com o escudo do time.

Segundo Corrimboque, até seus animais de estimação como, cachorro, papagaio e um passarinho são rubro-negros. No seu guarda-roupas são inúmeras as peças de camisetas do clube e as que não são, tendem para as cores do time, além de sandálias, cuecas, lençol, tudo com o escudo do time. Em jogos do Flamengo é comum hastear um bandeirão de 2x3m, em frente ao bar e anunciar o horário do jogo para que muitas pessoas possam assistir. Ele gosta de acompanhar os jogos com muita gente, serve para acalmá-lo. Não gosta de assistir sozinho, pois a pressão fica alterada, principalmente, contra o maior rival, no caso o Vasco. Edílson conta que em dia de jogo importante até a rua principal do bairro, onde está localizado o estabelecimento, fica intrafegável, devido ao grande número de pessoas e transportes no local, que não é espaçoso.

“Ocorre também de torcedores de outros times verem o jogo, isso é permitido devido o bar ser público, porém se tentarem avacalhar com gozações ou brincadeiras

pesadas, aí eu peço que se retirem”, afirma Corrimboque.

Em relação à forma de torcer de hoje comparada com outrora, ele sente saudade da manutenção de boas equipes, pois segundo seu pensamento, os jovens que chegam das divisões de base do clube, não permanecem por duas temporadas, são negociados imediatamente, deixando de existir o orgulho do atleta defender o clube com amor a camisa, e a própria falta de identidade do torcedor para com o time. “Devido a falta dessa identidade, tem época que são tantos jogadores desconhecidos que a **torcida não sabe escalar** a equipe”.

Mas nada desanima um torcedor de carreira. “Meu sonho é um dia poder ir à Gávea, não faço questão nem de ir ao Maracanã. Mas gostaria de conhecer a Gávea e ver a galeria de troféus e ídolos do clube. Eu acho que antes de morrer eu realizo esse desejo”, confessa Corrimboque que completará 57 anos no próximo 17 de julho.

Nas entrelinhas, algumas curiosidades:

Fugindo ao tradicional, não foi o pai de Edílson quem influenciou na escolha do time para torcer, pelo contrário, seu pai não se ligava muito nisso, tanto é que, seus dois irmãos, um é botafoguense e o outro é vascaíno, enquanto que seu pai só se interessou depois de vê-lo com esse fanatismo e optou por torcer pelo Flamengo. Logo que Edílson decidiu ser flamenguista, segundo ele, por ter se encantado pelo futebol de Zico, conhecido como o galinho de Quintino, ele ganhou de um amigo um troféu de bronze no formato de um galo. Ao chegar em casa Edílson pintou o galo com as cores do flamengo. Esse galo servia como amuleto de sorte e representava para ele o jogador Zico. Tempos depois num jogo contra o Bangu, o jogador Márcio “quebrou” o joelho de Zico, e o tirou praticamente do futebol. Corrimboque pegou seu galo (amuleto) e quebrou a perna, para caracterizar o momento de sofrimento de toda a nação rubro-negra, segundo ele.

Ao hastear uma bandeira pequena no alto do telhado, coincidentemente, o time entrou numa fase ruim e perdeu vários jogos, foi quando Corrimboque lembrou da bandeira e retirou do telhado, e nunca mais lá a colocou.

DEPOIMENTO 4

Torcedor de fé

Francisco Romeu Magalhães Bonates, roraimense, 44 anos, torce pelo Vasco desde sua infância. Foi vendo o pai Dermário Bonates, que era desportista e sempre usava a camisa do Vasco que passou a gostar das cores do clube. Romeu tem mais dois irmãos, mas eles não seguiram o mesmo gosto. Um torce pelo Botafogo e o outro pelo Fluminense. O motivo pelo qual seus irmãos optaram por outras cores, Romeu acha que foi porque os três eram jogadores de escolinhas de futebol, divididas com as camisas de clubes cariocas, e na hora da peneira eles foram distribuídos para o Botafogo e Fluminense, respectivamente, e passaram a gostar e não mudaram mais.

“Nossa família toda foi ligada ao esporte, todos fomos jogadores de futebol dos times locais, um dos meus irmão chegou até a jogar no time de baixo do Santa Cruz de Recife. Fomos bons atletas e somos conhecidos até hoje pelo o que jogamos no passado. Mas torcedor fanático mesmo eu acho que só eu. Acho também que eles não são fanáticos, devido os clubes pelo qual decidiram torcer não atravessarem um bom momento, já faz tempo” brinca Romeu.

No auge do fanatismo e no momento em que o jogador Roberto Dinamite, maior ídolo do Vasco, atravessava excelente fase, nasceu sua segunda filha, onde Romeu não teve dúvida em homenagear seu ídolo, e registrou a filha com o nome de Roberta. Romeu tem mais uma filha e as duas são torcedoras presentes aos acontecimentos que envolvem o clube. Quanto aos jogos transmitidos pela Tv, Romeu acha a

mídia muito tendenciosa em favor dos clubes de massa, nunca dá razão aos times de menor expressão. “É por isso que, de certa forma, a mídia influência no aumento de algumas torcidas, principalmente a do rival, pois é considerado, apesar de não concordar, a maior torcida. E para ganhar audiência os times de grandes clubes sempre estão em evidência”, define Romeu.

Ele nos conta também uma de suas maiores alegrias, que foi ter ido em 1992 assistir ao jogo Vasco contra o Goiás, válido pelo campeonato brasileiro, em pleno Maracanã. E deu sorte, pois venceu de 2x1. Outra ocasião que viu o time jogar sem ser pela tv foi num amistoso realizado aqui em Boa Vista, em 1979, com o pequeno estádio Canarinho completamente lotado, e a vitória foi de 5x1 contra o selecionado local. Para os jogos televisivos, Romeu começa os preparativos desde cedo: Coloca a televisão pra área aberta, pois nunca assiste sozinho, prepara a camisa da sorte e faz uma oração. “Isso independe com quem seja o jogo e qual seja o dia da semana, o procedimento é o mesmo”, afirma Romeu. Seu sonho não realizado e que não poderá mais fazê-lo é o de ter um filho homem, para que um dia pudesse vê-lo vestir e quem sabe até defender o pavilhão cruzmaltino, fala emocionado Romeu.

DEPOIMENTO 5

Fernando Quintella

“A rivalidade entre o Clube de Regatas do Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama é antiga, mas não a mais antiga do futebol carioca. Antes dela o Flamengo teve como principal rival o Fluminense. O motivo é simples: O tricolor foi campeão de futebol em 1911, com um grande time. Ao final do ano, os jogadores se desentenderam com a diretoria do clube. Estes insistiam em modificar a escalação da equipe, do que os jogadores discordavam. Dez deles, em sinal de protesto, saíram do clube e fundaram o Departamento de Futebol do Flamengo, até então um clube somente de regatas. Mesmo com a vitória, por 3 a 2, no primeiro jogo entre os times, no Campeonato de 1912, os torcedores do Fluminense jamais esqueceriam a desfeita (em

sua concepção) de seus ex-atletas. Como conta o jornalista Rui Castro, em seu livro *O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo* (2001: 71), para aumentar a rivalidade, o jornalista Mário Filho, dono do *Jornal dos Sports* e tricolor de quatro costados, criou”. Em 1936, a sigla Fla-Flu para designar os jogos entre os times. Nenhum outro confronto entre clubes de futebol do Rio de Janeiro é conhecido assim. Apenas como curiosidade: Vasco X América é o *Clássico da Paz*; Botafogo X Fluminense é o *Clássico Vovô* (o mais antigo).

Se o Fluminense foi o primeiro rival, o Vasco da Gama acabou sendo o segundo. Pelo que já lemos sobre o assunto, havia uma certa rivalidade entre as torcidas tanto por causa do futebol quanto pelo remo, outro esporte muito praticado no final do Século XIX, início do Século XX. Havia, também, um componente social fortíssimo: se os primeiros flamenguistas vieram das classes mais abastadas, quando o futebol começou a pegar firme o clube se popularizou. O motivo? Ora, o Flamengo treinava **num campo sem muros**, na rua Paissandu, no mesmo bairro que dá o nome ao clube. Qualquer menino das redondezas podia chegar perto dos seus ídolos. Até mesmo chutar uma bola para um deles. Isso aproximou o clube do povo. Já o Vasco da Gama era o clube dos portugueses, em sua maioria donos de armazéns, quitandas, botequins, enfim, aquele **que tinha o freguês no seu caderno**, que não vendia fiado, para o povo, o opressor, o invasor. Gozar um vascaíno após a derrota de seu time era também um ato de desforra. Ultrapassava as barreiras do esporte. O livro *Histórias do Flamengo*, obra prima de Mário Filho, há muitos anos esgotado e sem perspectiva de nova edição, faz essa análise. Meu exemplar encontra-se extraviado. Uma pena...

O prazer de infernizar o rival não tinha limites. Ganhar um campeonato em cima da hora era o delírio. Assim aconteceu no Campeonato Carioca de 1944, como conta, ainda, Rui Castro no livro já mencionado (2001: 88 - 89). O Flamengo tinha uma partida importantíssima contra o Fluminense, na penúltima rodada. Precisava da vitória para chegar ao primeiro tricampeonato (ganhara o título em 42 e 43). O time estava desfalcado. Seu craque, Perácio, embarcara para lutar na Itália, na II Grande Guerra. Tião, seu substituto, estava mal de jogo e Pirilo, a melhor solução, baixara o departamento médico do clube, com inflamação na virilha. O treinador Flávio Costa andava de um lado para o outro sem encontrar solução viável para o problema. Até que o

ex-atacante Augustin Valido, um argentino campeão pelo Fla em 1939 e 1942, apareceu na Gávea. Aposentado da bola, próspero industrial no Rio de Janeiro, teve saudades dos amigos e ele resolveu visitá-los. Ao ver a situação crítica do time, Valido colocou-se à disposição para retornar ao campo. Mesmo fora de forma, podia dar conta do recado.

Ninguém acreditava que fosse dar certo. Mas deu. Já contra o Fluminense, no dia 22 de outubro, o prenúncio do título: Flamengo 6 a 1, resultado de futebol de várzea, tipo partida de seis. A única preocupação foi com o estado físico de Valido. Desacostumado e sem treino, ele quase não podia andar após o jogo. O esforço cobrava seu preço. Para piorar, no meio da semana ele pegou um bruto resfriado, daqueles de derrubar qualquer um. Nem o torcedor mais otimista acreditava em vê-lo em campo no domingo, 29 de outubro, quando o time jogava a final contra o Vasco. Só uma pessoa tinha certeza de que estaria em campo: o treinador Flávio Costa.

Teimoso por natureza, o treinador entregou a camisa 7 a Valido. Mandou que jogasse na ponta-direita, onde passou o jogo inteiro apenas fazendo número, sem qualquer jogada de perigo. Mas aos 41 minutos do segundo tempo, com o jogo empatado em 0 a 0, eis que o ponta Vavá cruza da direita, para dentro da área. Lá estava a cabeça de Valido, para mandar a bola ao fundo das redes vascaínas. Os jogadores do Vasco protestaram com o árbitro, alegando que o argentino subira nas costas do defensor Argemiro para alcançar a bola. O árbitro confirma o gol e o Flamengo é o campeão. Os vascaínos, furiosos, passaram anos discutindo o tal gol. Ainda mais porque o compositor Ari Barroso, também locutor de futebol e apaixonado pelo Flamengo, pôs fogo na discussão, como lembra Rui Castro na mesma obra (2001: 89): “Valido se escorou, sim. E teria sido melhor se estivesse impedido e feito o gol com a mão”.

A conquista da Taça Salutaris foi outro ingrediente forte na receita que deu a rivalidade entre o bacalhau e o urubu, como apelidou Vasco e Flamengo o chargista Henfil, do *Jornal dos Sports*, na década de 60. O concurso premiava o clube que tivesse a preferência dos torcedores. Bastava recortar o cupom publicado na primeira página do *Jornal do Brasil* e responder à pergunta “Qual o clube de maior torcida no Rio de Janeiro?” Os votos eram entregues na sede do

jornal, na Avenida Rio Branco, centro do Rio. Mário Filho relatou o embate no *Histórias do Flamengo*.

O quartel-general do Flamengo era no Café e Bar Rio Branco, próximo ao JB. Já a turma do Vasco preferia o Capela, restaurante de portugueses, como convinha, no bairro da Lapa, também próximo ao centro. Os vascaínos davam como certa a vitória. Os rubro-negros tinham muito medo, porque alguém lembrara que todo português aprendia a economizar desde criança, ainda em Portugal. Portanto, ninguém duvidava que os adversários estavam escondendo votos para entregar no último dia. Ou não era verdade que todo armazém, toda quitanda comprava jornais velhos, para embrulhar as compras dos fregueses? Naquela época – acho que foi na década de 30 -, nem sequer se falava em sacolas para compras, um conceito moderno, dos anos 60.

Como estratégia, a turma do Flamengo montou uma farsa. Na véspera da votação, um deles apareceu no Rio Branco, sorridente, com um pacote de broches de lapela cheio de escudos do Vasco debaixo do braço. A idéia era simples: quando os vascaínos chegassem com os votos, os rubro-negros aportuguesavam a voz e os recebiam. Logo passava o saco às mãos de outro da turma, que tinha a incumbência de jogar os votos nos vasos sanitários do jornal. Nem precisa dizer que ainda no meio da manhã todos os vasos já estavam entupidos. A solução foi jogar os sacos no poço do elevador. Logo logo o elevador, quando descia, era amortecido pelos sacos de votos. O ascensorista queria parar, mas a turma do Rio Branco não deixava. Ao final do dia, quando abriram as urnas, o Flamengo apareceu como o grande vencedor. Os vascaínos não se conformavam. Como podiam ter perdido? Economizaram os votos durante semanas, guardaram para o último dia e aqueles perdulários do Flamengo tinham mais que eles.

Bem que a história poderia terminar assim. Porém, ainda teve mais. Toda a turma do Rio Branco apareceu no bar com os escudos do Vasco na lapela. De que adiantaria a vitória se os adversários não soubessem da tramóia? Onde estava a graça? Não satisfeitos, compraram um penico, embrulharam para presente, em embalagem requintada, e mandaram para o Capela.

Imagine só a reação dos vascaínos ao abrir o embrulho e encontrar o chamado “vaso noturno” com a inscrição “Taça Salutaris” pintada pelo lado de fora e cheia de votos para o Vasco. Foram meses de polêmica, da qual o Flamengo sempre se desviou. O resultado mostrara que o rubro-negro era o time mais popular do Rio e ponto final.

No final da década de 40 o Vasco teve um time conhecido como “Expresso da Vitória”. Era a base da seleção brasileira de futebol da Copa do Mundo de 1950. Ganhou os campeonatos de 1947, 1949 e 1951. Um timaço. Só que em 1953 o Flamengo volta com força total e conquista seu segundo tricampeonato (1953/54/55). Em 1956 e 1958 o Vasco volta a ser campeão. Em 58, após dois triangulares contra Flamengo e Botafogo. Foi o super-supercampeonato. Depois, o Vasco só conheceria título no Rio e Janeiro em 1970. Já o Flamengo venceu em 63 e 65. O Botafogo, do fenômeno Mané Garrincha, surgia como a grande força do Rio. E passou a ser o grande rival do Flamengo.

Nem adiantaram as gozações dos rubro-negros de que o a torcida do Botafogo podia ir para o estádio numa Kombi, pois eram apenas 18 torcedores. Nem de longe havia verdade em tal afirmativa. Com os títulos de 1959, 1961 e 1962, com as jogadas geniais de Garrincha e os gols de cabeça de Quarentinha, muitos garotos queriam ser botafoguenses, vestir a camisa 7 do time, a mesma de Garrincha. E quando Garrincha parou de jogar, apareceu Gerson, um jogador de meio de campo, vendido pelo Flamengo ao Botafogo, por briga com o treinador Flávio Costa, para infernizar a turma da Gávea. Aquele time foi bicampeão em 1967/1968. Para agravar, no início da década de 70 o Botafogo deu uma goleada de 6 a 0 no Flamengo. Coisa de levar torcedor a se esconder por um bom tempo, tal a vergonha. A única vantagem é que o alvinegro podia até golear, mas não ganhava campeonato. Ficou assim por 21 anos. Completou a maioria sem título. E começou a perder torcida. Imagine um menino nascido em 1969. Somente aos 20 anos viu seu time ser campeão. Ninguém agüenta tanto jejum de título...

Em 1981, o Flamengo tira o recalque e devolve a goleada de 6 a 0 ao Botafogo. Em plena era Zico, no ano em que o Mengão foi Campeão Mundial Interclubes, deu até pena espancar o

adversário daquele jeito. Valia a pena manter a rivalidade? Para os flamenguistas, o alvo passou a ser outro: o Vasco. Principalmente depois que surgiu a nefanda figura do advogado Eurico Miranda na direção do clube. Pessoa de péssimo caráter e arrogância indiscutível, Miranda encarna a figura do picareta em busca de vantagens com o futebol. Daí para a rejeição definitiva da massa rubro-negra foi um passo.

Quanto tempo ainda durará a rivalidade entre Flamengo e Vasco? Ninguém pode precisar. O Botafogo, mal administrado, endividado e rebaixado à Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro, não representa uma ameaça nem a Flamengo, nem a Vasco da Gama. O Fluminense não tem aquela força junto ao público. Mesmo sendo o clube que detém mais títulos em campeonatos no Rio de Janeiro, está longe de ter a mesma torcida que Vasco e Flamengo. Portanto, a guerra continuará. Principalmente porque já vão longe os tempos de torcidas organizadas respeitadas, cujo conceito era apenas torcer por seu time do coração. Hoje, dirigir torcidas organizadas virou um grande negócio (para eles) e uma enorme dor de cabeça (para as autoridades de segurança). Mas isso é outra história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção neste trabalho foi mostrar a mídia televisiva como instrumento alimentador da paixão do torcedor, sem fronteiras, pelo clube do coração, por meio de depoimentos. No caso usamos a popularidade e a rivalidade dos clubes Vasco e Flamengo, por serem clubes de massa e de aceitação nacional e internacional.

Mostramos também o real interesse da mídia para com esse produto futebol. Quais são suas metas, e o seu oportunismo diante do crescimento da violência nos estádios, na maioria das vezes entre torcidas organizadas. Os altos valores que estão sendo pagos, e previsão de aumento na taxa em até 650% nas cotas para 2008. A briga pelo direito de exclusividade, além do poder de manipulação tanto na escolha de datas, como dos horários de realização de jogos.

Diante do que podemos analisar, constatamos que o nosso futebol continua imbatível na preferência nacional. E muito mais respeitado lá fora. Misturam-se aí conceitos, preconceitos, ideologias e muito chute. A única explicação realmente inquestionável para a supremacia brasileira nos gramados é uma palavra bastante concreta, que irrita a intelectualidade e os poetas: **massificação**. O Brasil joga bem porque joga muito. É o que acontece com os americanos no basquete, os romenos na ginástica e os russos no balé clássico. É a massificação do futebol que determina o destaque que o país tem nesse e não em outros esportes. Joga-se futebol em boa parte das 2.100 praias do nosso litoral, nos terrenos baldios, nas quadras da escolinha suburbana ou no asfalto das cidades.

Calcula-se em 30 milhões os brasileiros que praticam informalmente o esporte. São 580.000 os atletas amadores e profissionais organizados em 13.000 clubes. No Brasil a bola é o presente que todo garoto ganha, antes de dar os primeiros passos.

Não poderíamos deixar de mencionar que nossos principais clubes atuam em média 80 vezes por ano, enquanto que no futebol europeu essa média é de 40 jogos por temporada. Em determinado período do ano, mais precisamente durante o campeonato brasileiro onde existem três divisões, envolvendo cerca de 116 clubes, com previsão de no mínimo de 852 partidas a serem

realizadas. Há jogos todos os dias, de segunda à segunda. Mais uma vez um prato cheio para mídia televisiva, que cobre as duas principais divisões do nosso futebol.

E com a volta da hegemonia nesse esporte, após a conquista das copas de 94, quando finalmente o Brasil desencantou o Tri de 70, e a recente conquista do Penta na Coréia/Japão, a tendência é que novas gerações de craques possam surgir, ou alguém tem dúvidas sobre qual o país que mais exporta jogadores para o exterior? Nós nascemos com o dom de formar bons jogadores. O problema é que o assédio do mercado europeu está cada vez mais precoce, e com isso deixamos muitas vezes de vê-los em nossos gramados.

O lado bom é que hoje em dia muitos garotos saem da rua para tentar a sorte na escolinha de base de algum clube, na esperança de um dia se tornar um ídolo como Ronaldinho, Romário dentre outros que faturam verdadeiras fortunas. Esse é outro problema que nosso futebol tem que resolver. A valorização do passe e do contrato do jogador subiu tanto que se torna inviável sua manutenção no nosso país. E é em busca dessa independência financeira que hoje já se escuta de muitos garotos, independente de classe social, quando perguntado o que você quer ser quando crescer? A resposta está na ponta da língua, quero ser jogador de futebol. Na maioria das vezes com o apoio dos pais.

Vale salientar que o mesmo modelo na criação de novos craques, encadeia automaticamente o surgimento de novos torcedores. Mesmo que sejam fanáticos.

Mas não podemos esquecer da violência apesar de termos visto nesse trabalho que ela anda ao lado dos torcedores mais exaltados, é preciso que providências sejam tomadas com uma certa urgência. Que tal começar pela organização do nosso calendário?

Há muita coisa a ser corrigida, o país está mudando. Na política caras novas estão surgindo, quem sabe chegou a hora de mudar as pessoas que pensam futebol no Brasil? O momento é esse, temos que colocar gente que realmente tenham afinidade e se prestem a coibir

as irregularidades e queiram acima de tudo moralizar o esporte que deu uma identidade ao Brasil. Até então desconhecido do resto do mundo.

BIBLIOGRAFIA

- AUDINHO, Sergio & KLEIN, M. Aurélio (1996) *O Almanaque do Futebol Brasileiro*, São Paulo: Escala.
- AZEVEDO, Fernando (1930) *A Evolução do Esporte no Brasil (1822-1922)*, São Paulo: Cia. Melhoramentos.
- CALDAS, Valdenyr (1990) *O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro (1894 - 1933)*, São Paulo: IBRASA.
- COSTA, Jurandir Freire. (1984). *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.
- EHRENBERG, Alain. (1991). *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Lévy.
- DA MATTA, Roberto. *Constraint an License: a preliminaray study of two brasilian rituals*. 1977. (mimeo).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, segunda edição, 18ª impressão, editora Nova Fronteira 1986 pg. 824.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Ego*. ed. Madri, Biblioteca Nueva, 1972.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Futebol brasileiro - instituição zero*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977. (Tese de Doutorado).
- LOPES, Fernandes Dirceu, SANTOS, Trivinho Eugenio. *Sociedade Mediática: Significação Mediações e Exclusão* SP: ED. Universitária Leopoldianum, 2000.
- LEVER, Janet (1983) *A Loucura do Futebol*, Rio de Janeiro: Record.
- MATTOS, Claudia (1997) *Cem Anos de Paixão: Uma Mitologia Carioca no Futebol*, Rio de Janeiro: Rocco.

MELO, Victor Andrade (1997) Banhos de Mar e os Primórdios dos Esportes Náuticos no Rio de Janeiro, in *Coletânea do V Encontro de Historia do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1997, pp227-34.

RODRIGUES FILHO, Mario (1994) O Negro no Futebol Brasileiro, Rio de Janeiro: Firmo.

SOUZA, Marcos A. “Gênero e Raça: a nação construída pelo Futebol brasileiro”. In: SORJ, Bila, STOLCKE, Verena et alii. *Cadernos Pagu - raça e gênero*. Campinas: UNICAMP, n. 06, 1997.

WITTER, Sebastião & MEIHY, José C. (orgs.) (1982) *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*, São Paulo, IMESP/DAESP.

Sites consultados:

<http://www.câmara.gov.br/aldorebelo/bonifacio/futebol/violencia.htm>

http://www.noviolence.com/no_violence.html

<http://www.vascodagama.com.br/futebol.htm>

<http://www.crvascodagama.com.br/siteoficial.htm>

<http://www.flamengo.com.br/futebol.htm>

<http://www.veja.com.br>

<http://www.lancenet.com.br/esporte/futebolcarioca.htm>

<http://www.uol.com.br/esportes/carioca.htm>

<http://www.geocities.com/colosseum/7143/vasconet.htm>

<http://www.KamiKasesvascainos.com.br/torcida.htm>

<http://www.fanaticostof.hpg.ig/perfiltorcedor.htm>